

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS**

JULIA PETERSEN

**METODOLOGIA FEMINISTA:
ANÁLISE DO PROJETO *LEIA MULHERES* EM PORTO ALEGRE E GRAVATAÍ**

Porto Alegre

2017

JULIA PETERSEN

METODOLOGIA FEMINISTA:

ANÁLISE DO PROJETO *LEIA MULHERES* EM PORTO ALEGRE E GRAVATAÍ

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Administração Pública e Social da Escola de Administração da UFRGS como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof^a. Maria Ceci Araujo Misoczky.

**Porto Alegre
2017**

JULIA PETERSEN

METODOLOGIA FEMINISTA:

ANÁLISE DO PROJETO *LEIA MULHERES* EM PORTO ALEGRE E GRAVATAÍ

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Administração Pública e Social da Escola de Administração da UFRGS como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof^a. Maria Ceci Araujo Misoczky.

Aprovada em 03 de janeiro de 2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Guilherme Dornelas Camara – UFRGS

Orientadora - Prof^a. Maria Ceci Araujo Misoczky - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à minha família, em especial mãe e avós, pelo apoio e ensinamentos que passaram ao longo de toda minha vida.

Agradeço igualmente a Deus, que busquei auxílio em diversos momentos da graduação.

Agradeço imensamente aos professores do curso de Administração Pública e Social, que me mostraram visões de mundo novas e ajudaram a formar meu senso crítico. Por meio disso, hoje me formo na UFRGS com a certeza que escolhi o curso correto e que posso ajudar a fazer a diferença na gestão da coisa pública. Encerro esse ciclo muito diferente da pessoa que entrou na Universidade, ao longo desses anos de graduação me tornei mais atenta aos problemas do mundo e das pessoas.

Agradeço à minha orientadora que buscou tirar o máximo de mim para que esse trabalho fosse entregue com excelência.

E por fim, agradeço às mulheres que ajudaram a construir esse trabalho, se disponibilizando a responder minhas perguntas sobre o tema e me ajudar no que fosse preciso.

"Sejamos todos feministas"

Título do livro de Chimamanda Ngozi Adichie

"Mulheres que leem são perigosas"

Título do livro de Stefann Bollmann

RESUMO

O presente trabalho trata de apresentar a metodologia feminista na sua aplicação no projeto Leia Mulheres de Porto Alegre e Gravataí, cujo objetivo principal é ler e incentivar a leitura de obras escritas apenas por mulheres. Esse trabalho visa mostrar a relevância e viabilidade de formas alternativas de conhecimentos, nesse caso, a partir da experiência de vida das mulheres, por meio da reflexão de sua situação nas estruturas sociais. Para realização desse trabalho foi feita uma pesquisa exploratória nos sítios oficiais e nas redes sociais do projeto estudado, juntamente com uma pesquisa de campo nos encontros presenciais do Leia Mulheres e da aplicação de questionários nas envolvidas, a fim de entender como se desenvolve as dinâmicas das metodologias feministas, mostrando ser um processo construído coletivamente e horizontalmente. A contribuição maior desse trabalho é apontar que as mulheres ainda se encontram em situação de menor representatividade e poder do que os homens, tanto nas produções literárias, quanto na comercialização de livros de autoras femininas, esse mesmo cenário se repete na política, nos ambientes empresariais, e em muitos outros espaços. É reconhecido que a mulher ao longo das décadas vem ganhando mais direitos e espaços, entretanto, ainda não chegamos na igualdade com os homens. O projeto estudado existe para chamar atenção e tentar mudar a falta de representação feminina, para que as mulheres assumam mais espaços, que ainda são majoritariamente masculinos. Por meio das dinâmicas da metodologia feminista, apresenta-se a possibilidade de outra forma de conhecimento, de ensino e aprendizagem, que é diferente do formato das instituições de ensino formais. A metodologia feminista mostra seu caráter transformador no fato de se concretizar em espaços próprios para que as mulheres expressem suas liberdades e suas vidas, mostrando que os problemas e vivências individuais também são problemas públicos e, portanto, políticos, dessa forma exigem debates coletivos e reflexivos.

Palavras-chave: metodologia feminista; Leia Mulheres; leitura feminina.

ABSTRACT

The present work it's about to present the feminist methodology in its application in the project Leia Mulheres of Porto Alegre and Gravataí, whose main objective is to read and encourage the reading of works written only by women. This paper aims to show the relevance and feasibility of alternative forms of knowledge, in this case, based on women 's experience of life, through the reflection of their situation in social structures. In order to carry out this work, an exploratory research was carried out in the official sites and in the social networks of the project studied, together with a field research in the face-to-face meetings of Leia Mulheres and the application of questionnaires in the involved ones, in order to understand how the dynamics of the feminist methodologies, showing to be a process built collectively and horizontally. The main contribution of this work is to point out that women are still in a situation of less representation and power than men, both in literary productions and in the marketing of women's books, the same scenario is repeated in politics, in business environments, and in many other spaces. It is recognized that women over the decades have been gaining more rights and spaces, however, we have not yet reached equality with men. The project studied exists to draw attention and try to change the lack of female representation, so that women take on more spaces, which are still mostly male. Through the dynamics of feminist methodology, the possibility of another form of knowledge, of teaching and learning, is presented, which is different from that of formal educational institutions. The feminist methodology shows its transforming character in the fact that it takes place in its own spaces so that women express their liberties and their lives, showing that individual problems and experiences are also public problems and, therefore, political, thus require collective and reflexive debates.

Keywords: feminist methodology; Leia Mulheres; female reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	12
2 O PROJETO LEIA MULHERES.....	15
3 REVISÃO TEÓRICA.....	19
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA E DE MULHERES NA HISTÓRIA	19
3.2 APROPRIAÇÕES DAS METODOLOGIAS FEMINISTAS	21
3.2.1 Ampliação das noções de leitura.....	26
3.3 A LUTA FEMINISTA NAS REDES SOCIAIS: IMPORTANTE FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO	28
3.4 SÍNTESE DO TERCEIRO CAPÍTULO.....	30
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	33
4.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NAS REDES SOCIAIS.....	33
4.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NOS ENCONTROS PRESENCIAIS.....	36
4.3 EXPERIÊNCIA DAS MEDIADORAS.....	40
4.4 EXPERIÊNCIA DAS PARTICIPANTES.....	42
4.5 POTENCIAL TRANSFORMADOR.....	46
4.6 ANÁLISE DO CAPÍTULO 4.....	48
CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO PARA AS MEDIADORAS.....	60
APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS PARA AS MEDIADORAS	61
APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS PARA AS PARTICIPANTES... 	62

INTRODUÇÃO

A mulher está conquistando cada vez mais espaço para falar e ser ouvida, e suas demandas mais visibilidade. Esse processo é notório e importante para o fomento, cada vez maior, dos temas ligados ao feminismo. Sua saída do âmbito privado, ampliação e consolidação no âmbito público, juntamente com a conquista de direitos jurídicos e institucionais, têm possibilitado acesso significativo na mídia, literatura e outras áreas. Entretanto, ainda há muito a ser conquistado.

Exemplo disso é o fato de que, “[...] apesar de o número de leitoras ser maior do que o de leitores (59% das pessoas que leem frequentemente no Brasil são mulheres), no campo da produção literária essa realidade ainda é brutalmente oposta [...]”. Outro exemplo é a “[...] Academia Brasileira de Letras, que conta com 40 membros, dentre eles apenas cinco mulheres [...]” (CASTRO, 2017, p. 1).

Ao longo da história, as mulheres foram proibidas de frequentar diversos locais destinados apenas para o público masculino. Um exemplo dessa herança de limitações é o acesso à educação. A produção de conhecimento feito pelas mulheres sempre existiu, mas se manteve marginalizado por um longo período. Por muitos séculos de existência das universidades, a produção de conhecimento formal não era elaborada por mulheres, de forma que não representavam suas experiências e eram espaços aos quais não tinham acesso (MAFFIA, 2002; SCHIEBINGER, 2001). Narvaz e Koller (2006, p. 652) abordam que as produções femininas tinham um “[...] estatuto científico marginal, o que é evidenciado pela dificuldade de sua institucionalização nas universidades e pela publicação ainda circunscrita a poucas revistas científicas especializadas no tema [...]”.

Com o objetivo de diminuir os efeitos desse histórico, o movimento feminista tem contribuído também com perspectivas metodológicas embasadas na crítica, reflexão e busca da mudança social. As lutas feministas e femininas são plurais e, por isso, existe a impossibilidade de falar em nome de todas elas e a necessidade de “[...] levar em consideração as especificidades das vivências das mulheres. Sendo elas negras, latinas, pobres e/ou jovens, elas terão experiências de vidas diferentes que terão significados distintos para cada uma delas [...]” (RODRIGUES; MENEZES, 2013, p. 4). Por causa desta pluralidade, as atividades feministas se mostram diversas, como a produção de revistas, *blogs*, oficinas, intervenções nas ruas, entre outras, que fazem referência a uma maneira de produzir conhecimento, de forma pessoal e subjetiva – o que demonstra a possibilidade de variadas formas de produção de conteúdo.

Essas atividades diversas e as formas alternativas de produção de conhecimento são as metodologias feministas, que se caracterizam como um campo multidisciplinar que defende a pluralidade metodológica. Apresentam como objetivo a mudança social e se preocupam com o resgate da experiência feminina, o uso de linguagens não sexistas e o empoderamento dos grupos minoritários (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Atualmente, no Brasil, existem diversos núcleos, grupos de estudos e revistas acadêmicas dedicadas aos estudos feministas e de gênero. Ocorrem “[...] simpósios, congressos e encontros de pesquisadoras da área, como o ‘Fazendo Gênero’, realizado em 2013 em Florianópolis, e o ‘Colóquio de estudos feministas e de gênero’, realizado em Brasília em 2014” (FOX, 2014). Juntamente com o advento da *internet*, cresce cada vez mais o número de páginas eletrônicas com conteúdo feminista e grupos de estudos nas universidades¹, o que incentiva outras fontes e meios de acesso para produção de novos conhecimentos e abre espaço para o aumento dos movimentos e mobilizações nas redes sociais *on-line*, que se mostrou uma importante ferramenta “na multiplicação de discursos e significação de novos saberes e sentidos” (ESPINDOLA, 2015 p. 2).

As metodologias valorizam a crítica e a reflexão na avaliação dos efeitos da dimensão social e relacional na produção dos discursos científicos. A reflexividade é um instrumento de crítica e pressuposto intransponível nas metodologias feministas. Ela presume o comprometimento, parcialidade, pesquisa e análise de forma pessoal e reflexiva, com empatia pelo caso em estudo. Há necessidade que seja assim, visto que os temas de gênero, minorias e grupos sociais abordam pessoalmente a vida das pessoas ou grupos pesquisados e, por esse motivo, a escolha da metodologia usada é um ato político (NARVAZ; KOLLER, 2006). Esse viés torna as metodologias feministas diferentes das metodologias científicas tradicionais, baseadas na imparcialidade e objetividade (RODRIGUES; MENEZES, 2013).

Para entender em que ambiente e como ocorrem as metodologias feministas, se faz necessária a análise de algum projeto que aborde as diferenças na forma de produzir conhecimento, pois existe o entendimento de que nas metodologias feministas o diálogo, os encontros presenciais para debate, a leitura e escrita femininas se fazem presentes como ferramentas de produção de conhecimento e união entre as mulheres. Para evidenciar esta situação, foi escolhido o projeto Leia Mulheres, especificamente os grupos de Porto Alegre e

¹ Na UFRGS, temos como exemplo de núcleos de incentivo ao tema mulher e gênero: NUPSEX - Núcleo De Pesquisa Em Sexualidade E Relações De Gênero; NIEM - Núcleo Interdisciplinar De Estudos Sobre Mulher E Gênero; não institucionalizado existe o Coletivo de Mulheres da UFRGS, composto por alunos e alunas; entre outros.

Gravataí. O Leia Mulheres é um clube de leitura de obras produzidas apenas por mulheres, com o intuito de debater a posição da mulher no mundo e produzir reflexão por meio de encontros e trocas de vivências, através da leitura, escrita, senso crítico e autoconhecimento feminino. A interação entre as mulheres, a troca de histórias de vida e o debate sobre os livros mediante suas visões pessoais são centrais nesse projeto.

Diante do exposto, o presente trabalho busca analisar como se desenvolve a metodologia utilizada no projeto Leia Mulheres. Destaca-se o protagonismo das lutas feministas e a importância de suas conquistas, possibilitando que atualmente tenhamos projetos como o Leia Mulheres em execução. O objetivo geral deste estudo é analisar a metodologia feminista em sua aplicação no Projeto Leia Mulheres em Porto Alegre e Gravataí. Para alcançar o objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- identificar as atividades desenvolvidas nas redes sociais;
- verificar as atividades desenvolvidas nos encontros presenciais;
- conhecer a experiência das mediadoras na aplicação da metodologia;
- conhecer a experiência das participantes com a metodologia utilizada;
- analisar o potencial transformador da metodologia que o Leia Mulheres desenvolve.

Para atingir o objetivo geral e os objetivos específicos, foram apresentados no capítulo 1 os procedimentos metodológicos usados no desenvolvimento da pesquisa. No capítulo 2 foi exposto do que se trata o Leia Mulheres, sua história e a apresentação da pesquisa exploratória com as mediadoras. No capítulo 3 realizou-se revisão teórica acerca dos seguintes assuntos: contextualização do movimento feminista e de mulheres na história, para conhecer a origem das lutas feministas, suas correntes, os direitos conquistados ao longo dos anos e o acesso ao espaço público; em seguida foi abordado a apropriação das metodologias feministas na visão de alguns autores, para conhecer como entendem e caracterizam as metodologias feministas; o próximo referencial é sobre a ampliação das noções de leitura e escrita; e o último sobre a luta feminista nas redes sociais, como uma ferramenta importante de comunicação entre as mulheres, para embasar a análise do objetivo específico que pretende identificar as atividades desenvolvidas nas redes sociais.

Após contextualização da história do feminismo e referencial para análise, no capítulo 4 foram apresentados os dados colhidos por meio de pesquisa exploratória, pesquisa de campo nos encontros presenciais, conversas com as envolvidas e questionários, ao fim da descrição

dos dados foi feita a análise dos mesmos embasado pelo referencial teórico. Por fim, apresenta-se a conclusão do trabalho.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em um primeiro momento, foi realizado contato por meio da página do *facebook* com as duas mediadoras, uma de Porto Alegre e outra de Gravataí, para buscar apoio na execução do trabalho. A partir da aprovação das mesmas, foi enviado um questionário por *e-mail* (APÊNDICE 1) com o objetivo de explorar e conhecer amplamente o projeto. O questionário exploratório buscou investigar a ligação das mediadoras com o projeto, entender a visibilidade e divulgação na região, conhecer o perfil das participantes, identificar a presença do feminismo na dinâmica do projeto e na vida das mediadoras, a existência de diretrizes ou regras que ambas tinham que seguir, entre outras questões, que buscavam a familiarização com o objeto de estudo.

Para responder o primeiro objetivo específico, que é identificar as atividades desenvolvidas nas redes sociais, foi realizada uma pesquisa exploratória e um acompanhamento diário no *facebook* do Leia Mulheres de Porto Alegre e Gravataí, que é a rede social utilizada pelo projeto em todos os estados do Brasil, para fins de divulgação, votações e debates. O Leia Mulheres tem outras redes sociais, como o *Instagram* e o *Twitter*, mas é a página *facebook* que promove mais interações entre as participantes, por esse motivo a análise foi realizada apenas nessa rede. A rede social *online* é um ambiente fundamental para coleta dos dados das atividades desenvolvidas, objetivando conhecer a metodologia do projeto em todos os ambientes em que ela ocorre. Por meio da pesquisa exploratória das publicações e o acompanhamento diário das discussões *online*, objetivou-se conhecer os tipos de atividades realizadas e os assuntos produzidos na rede social. Com isso, se tornou viável responder o primeiro objetivo específico.

Para conhecer as atividades desenvolvidas nos encontros presenciais, foi necessária a presença da pesquisadora para observação das reuniões que ocorrem uma vez por mês. Por esse motivo foi possível participar de dois encontros mensais, um em cada local: Gravataí e Porto Alegre. Nesses encontros buscou-se apenas captar a dinâmica do Leia Mulheres. A coleta de dados, baseada na observação da dinâmica dos encontros levou em conta os diálogos, relatos de histórias de vida, conversas paralelas, formas como as mediadoras conduzem o encontro, interação entre as participantes, entre outros registros pertinentes anotados em um diário de campo. No diário de campo foram anotados pensamentos e impressões da pesquisadora sobre o tema estudado.

Por meio dos encontros presenciais, foi possível o contato mais próximo com as mediadoras e participantes, o que possibilitou conversas livres, não estruturadas e a interação com as mesmas, fundamental para responder à sequência dos objetivos específicos do trabalho. Para conhecer a experiência das mediadoras na aplicação da metodologia, além da observação da pesquisadora nos encontros e da prévia pesquisa exploratória feita por *e-mail*, foi necessário um segundo questionário (APÊNDICE 2) para complementar o primeiro, enviado por *e-mail*, a fim de conhecer como elas executam a função de mediar os encontros, que passos seguem, como conduzem os encontros, atividades feitas nas redes sociais, além de suas expectativas, motivações, entre outras questões. O modelo utilizado foi questionários pelo fato de não conseguir encaixar as agendas e os locais para encontros, identificando que o e-mail facilitava esse contato, juntamente com o suporte das redes sociais para outros questionamentos que pudessem surgir.

O primeiro contato com as participantes, visando conhecer suas experiências no projeto, ocorreu nos encontros presenciais. Após estabelecer esse vínculo, as conversas nas redes sociais se tornaram outra forma de contato. Como os encontros ocorrem uma vez por mês, alguma questão pode surgir posteriormente, por isso é importante promover outras formas de comunicação. Estipulou-se o contato apenas com participantes mulheres, por serem a maioria nos encontros e o foco principal do estudo. Foi solicitado para cinco participantes de Porto Alegre e três de Gravataí a ajuda no trabalho, entretanto, foi possível a colaboração de quatro participantes de Porto Alegre e duas de Gravataí, as outras duas participantes em um primeiro momento aceitaram participar, mas não retornaram os contatos por e-mail ou rede social. A diferença na presença de participantes em cada encontro influenciou na quantidade obtida para fornecer os dados, Porto Alegre tem mais pessoas nos encontros presenciais, de forma que foi possível conseguir mais membros dispostos a responder às perguntas. Ambas responderam as mesmas questões em questionários (APÊNDICE 3), para identificar e comparar as experiências individuais. As mulheres foram escolhidas por conveniência, sem definir um perfil específico, mas pelo fato de estarem mais acessíveis e próximas nos encontros presenciais. Foi escolhida a forma de perguntas por questionário, pela falta de tempo da pesquisadora e das participantes de se fazer entrevistas, visto que todas trabalham em horário comercial. Foi mantido contato por meio das redes sociais, o que facilitou diálogos para dúvidas e análises.

Para fins de explorar suas informações na análise de dados as mediadoras de cada cidade serão chamadas pelos seus nomes apresentados na introdução do trabalho: Clarissa, é a mediadora de Porto Alegre e Adriana é a mediadora de Gravataí. Já as participantes serão nomeadas genericamente. As participantes de Porto Alegre serão nomeadas de participante

POA 1, seguindo a sequência numérica para as próximas. As participantes de Gravataí serão chamadas de participante GTI 1 e participante GTI 2. Foi escolhida essa forma de nomeação a fim de preservar a identidade das mesmas, para dar mais liberdade de expressão.

Os contatos estabelecidos por meio das redes sociais, questionários, conversas e observações dos encontros, possibilitam analisar o potencial transformador da metodologia que o Leia Mulheres aplica aos envolvidos. Esse último objetivo específico baseia-se na visão construída pela pesquisadora ao longo do trabalho, juntamente com os relatos das mediadoras e das participantes, visando entender as mudanças e transformações nas suas vidas após o envolvimento com o Leia Mulheres.

2. O PROJETO LEIA MULHERES

Com o objetivo de analisar as metodologias feministas, é necessário estudar um movimento e/ou iniciativa de mulheres, a fim de identificar como este processo é desenvolvido. O projeto escolhido é o Leia Mulheres, que tem representantes em vinte e três estados e setenta e uma cidades no Brasil (LEIA MULHERES, 2017a). O Leia Mulheres estuda e analisa obras literárias, incentivando a leitura e a escrita, estimulando as participantes a ler obras de autoria feminina e a identificar aspectos da sua realidade nos livros, com a finalidade de criar empatia em relação aos temas debatidos.

No Rio Grande do Sul existem cinco clubes do Leia Mulheres: Porto Alegre, Caxias do Sul, Gravataí, Rio Grande e Alegrete. Todos tiveram seu início entre o final de 2016 e a metade de 2017. Realizam encontros mensais, sempre priorizando locais como bibliotecas e livrarias.

O Leia Mulheres foi escolhido para análise, por identificação e interesse pessoal, juntamente com o fato de ter representantes na Região Metropolitana de Porto Alegre, possibilitando, com isso, o contato e acesso aos envolvidos.

O Leia Mulheres surgiu de uma campanha da *internet*, no *Twitter*, criada pela escritora e ilustradora britânica Joanna Walsh, em 2014. Ela lançou a *#readwomen2014*² para incentivar e chamar atenção para a leitura de obras e produções de mulheres, pois identificava que “[...] o mercado editorial ainda é muito restrito e as mulheres não possuem tanta visibilidade, por isso a importância desse projeto [...]” (LEIA MULHERES, 2017a). A campanha de Joanna Walsh propunha que as pessoas lessem mais livros escritos por mulheres. Inicialmente, não tinha pretensão de expandir para além da *internet*, queria apenas chamar atenção para a leitura das obras de autoria feminina, porém o movimento cresceu (CORTÊS, 2017). A ação ganhou versões em outros idiomas. No Brasil, em 2015, a cidade precursora foi São Paulo, por meio das amigas Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques que transformaram a ideia de Joanna Walsh em algo presencial, em livrarias e espaços culturais (LEIA MULHERES, 2017a), criando clubes de leitura.

Segundo Castro (2017, p. 1), é importante “[...] pensar no papel da mulher na literatura em nível global, precisamos nos provocar [...]”. Algumas questões: “[...] quantos livros escritos por mulheres você já leu durante e sua vida? Ou recentemente? Ou que te indicaram? Quantas

²*Hashtags* são compostas pela palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo cerquilha (#). As *hashtags* viram *hiperlinks* dentro da rede, indexáveis pelos mecanismos de busca.

personagens femininas fortes fazem parte da sua história? O Leia Mulheres vem para mudar suas respostas [...]”.

O projeto “[...] transformou-se em um convite à leitura de obras escritas por mulheres, sejam elas clássicas ou contemporâneas, nacionais ou estrangeiras [...]”. Identificando-o como “[...] uma importante ferramenta, se assim podemos dizer, de ampliação da voz das mulheres [...]”, a autora destaca que “[...] o Leia Mulheres não tem fins lucrativos[...]. Os encontros do projeto são sempre mediados por mulheres, mas tanto mulheres quanto homens podem frequentar os encontros para falar sobre o livro da vez, escolhido pelo clube” (SANTOS, 2017, p. 1).

As mediadoras do projeto em São Paulo, Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, identificaram que nas suas bibliotecas pessoais os livros eram majoritariamente escritos por homens, sendo este um dos motivos para a criação do Leia Mulheres, com o propósito de mudar esse cenário (VIANA, 2015). Elas destacam que continuaram lendo obras de autoria masculina, mas sentiram a necessidade de “incentivar a produção, a publicação e a divulgação de livros escritos por mulheres também” (GOMES *apud* VIANA, 2015), além de fomentar “a formação de críticas literárias, jornalistas culturais e curadoras de projetos sociais que utilizem a literatura como fio condutor do início de uma mudança.” (GOMES *apud* VIANA, 2015).

Segundo Viana (2015), Joanna Walsh acredita que a diferença de gênero influencia na aceitação dos livros escritos por mulheres, o que faz com que muitas vezes as mulheres publiquem livros com pseudônimos masculinos, a fim de conseguir que seus trabalhos sejam aceitos (VIANA, 2015). Segundo ela, “escritoras são, na maior parte do tempo, julgadas pela sua aparência, em vez de serem julgadas pela qualidade de sua escrita.” (WALSH, 2014 *apud* VIANA, 2015) A idealizadora da campanha que originou o Leia Mulheres critica que, “aos escritores, em entrevistas, é perguntado o que pensam, enquanto às mulheres é perguntado o que sentem” (WALSH, 2014 *apud* VIANA, 2015), evidenciando a persistência dos estereótipos da mulher como um ser frágil e sentimental, em contraponto ao homem racional. Walsh fala no contexto americano, que não se distancia da realidade brasileira.

O Leia Mulheres se originou na *internet* e mantém como seu ambiente principal, atualmente, o *facebook*. O grupo de Porto Alegre existe na rede social desde abril de 2016 e contém 1.604 usuários³. O de Gravataí existe desde junho de 2017 e contém 207 membros na

³ Números de membros em seis de novembro de dois mil e dezessete.

página. Os grupos do *facebook* são abertos para visualização e interação de membros e não membros.

Em entrevista realizada para um sítio que incentiva a leitura, as mediadoras de Porto Alegre e Gravataí contaram como foi o início do Leia Mulheres em suas cidades. Adriana Emerim Borges, mediadora em Gravataí, contou que iniciou o clube no dia 8 de junho de 2017, na Biblioteca Pública Municipal. “Tivemos um grupo pequeno, de nove pessoas, mas todas muito interessadas em falar e ouvir sobre a obra, sobre a autora, sobre a escrita de mulheres e, principalmente, sobre a iniciativa de se criar um Clube de Leitura no qual se leem apenas mulheres” (BORGES *apud* SANTOS, 2017). Clarissa Xavier, Maurem Kayna e Helen Pinho, mediadoras em Porto Alegre contaram que os encontros começaram em agosto de 2015, “a partir da mobilização em um grupo feminista do *Facebook* e pela iniciativa da mediadora Clarissa Xavier”. No início do projeto, “o número de participantes era pequeno, apesar da movimentação intensa na rede social – fosse na eleição dos livros ou comentando as obras escolhidas” (XAVIER, KAYNA e PINHO *apud* SANTOS, 2017). Entretanto, segundo elas a cada mês a participação vem crescendo e funciona como um incentivador dos hábitos de leitura para mediadoras e participantes, e também “o clube de leitura é um verdadeiro exercício político para a transformação do espaço ocupado pelas mulheres no mercado editorial e para a reflexão (potencialmente transformadora também) sobre as realidades retratadas nas obras debatidas” (XAVIER, KAYNA e PINHO *apud* SANTOS, 2017).

Sobre a visibilidade do projeto no estado, a mediadora de Porto Alegre, destacou no questionário exploratório (apêndice 1) que era limitada e “mesmo dentro do círculo literário da própria cidade o grupo é relativamente desconhecido” (XAVIER, 2017). As divulgações dos encontros são feitas exclusivamente na página do *facebook*, abordando que contam “apenas com as participantes para divulgar e, eventualmente, com alguma repercussão na mídia de menor abrangência” (XAVIER, 2017). Segundo ela, “o grupo ainda não atingiu seu potencial em termos de visibilidade” (XAVIER, 2017). A mediadora de Gravataí destaca que a visibilidade “ainda é pequena, se comparada com estados como São Paulo, por exemplo, mas considero que já avançou bastante, se levarmos em conta que o projeto em nível nacional iniciou-se em 2015” (BORGES, 2017). Sobre a divulgação do projeto, ela informa que ocorre na “página da Prefeitura, redes sociais e cartazes” (BORGES, 2017).

Ambas as mediadoras se consideram feministas, a de Porto Alegre chama atenção que “a proposta do grupo é intrinsecamente feminista e isto está escrito na própria descrição do grupo na página do Facebook” (XAVIER, 2017). O Leia Mulheres, segundo ela, tem o objetivo de “expor o machismo do mercado editorial e eliminá-lo” (XAVIER, 2017).

Para identificar a relevância das redes sociais na execução e viabilização do Leia Mulheres, foi perguntado para as mediadoras sobre a importância desses meios de acesso para o projeto. Ambas responderam com a mesma palavra: “essenciais”. A mediadora de Porto Alegre destaca que o Leia Mulheres “é fruto da rede social. O Leia Mulheres Porto Alegre só foi possível no momento em que pessoas que não se conheciam pessoalmente se reuniram via *Facebook* em torno de um interesse em comum: a falta de representatividade das escritoras no mercado editorial e a vontade de ler mais autoras” (XAVIER, 2017). A mediadora de Gravataí destaca a importância do *facebook* na relação entre as participantes, pois “através do grupo, mantemos interação constante com os membros” (BORGES, 2017).

O Leia Mulheres, apesar de ser voltado para o tema da leitura e escrita feminina, não tem restrições quanto ao público, sendo aberto à presença de homens. As mediadoras contaram, que em ambos os locais, a presença dos homens é sempre em pouca quantidade. Sobre esses homens que vão aos encontros, a mediadora de Porto Alegre respondeu que “os que costumam ir gostam muito de ler e de acompanhar as discussões. Os que vão eventualmente são atraídos por alguma obra em especial” (XAVIER, 2017). A mediadora de Gravataí destaca que “os homens que frequentam os encontros são ligados à literatura de uma forma muito orgânica; dois são escritores, e todos são leitores e frequentadores da Biblioteca [...]” (BORGES, 2017).

Segundo as mediadoras, ambos os encontros presenciais ocorrem na Biblioteca Pública Municipal, espaços geridos pelas Secretarias de Cultura dos municípios, que cedem a biblioteca para os encontros a fim de promover hábitos de leitura. As(os) participantes e mediadoras têm apenas custos monetários pessoais de eventuais compras dos livros escolhidos no mês.

3 REVISÃO TEÓRICA

Para a fundamentação deste trabalho foi usado o primeiro tópico para contextualizar o movimento feminista na história, a partir do segundo tópico apresenta-se o referencial da análise dos dados do trabalho, que explica as metodologias feministas na visão de algumas autoras; noções de leitura e escrita como métodos; e a luta feminista nas redes sociais, como ferramenta fundamental de comunicação entre as mulheres.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA E DE MULHERES

Narvaz e Koller (2006) contextualizam o início do feminismo dividido em três períodos de ativismo. A primeira geração do feminismo representa o surgimento do movimento na Europa e nos Estados Unidos no século XIX: “[...] nasceu como movimento liberal de luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos, direitos que eram reservados apenas aos homens” (NARVAZ e KOLLER, 2006, p. 649). A busca pela igualdade jurídica caracterizou essa primeira geração. O movimento sufragista⁴ marcou essa fase e conquistou o direito ao voto, até então apenas masculino.

A segunda fase começou nas décadas de 1960 e 1970, com maior impacto nos Estados Unidos e na França: “as feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade, enquanto as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres [...]” (NARVAZ e KOLLER, 2006, p. 649).

Para o movimento feminista brasileiro, nas décadas de 1960 e 1970, “[...]foi a época do engajamento nas chamadas lutas gerais, da circulação de feministas nos mais diversos grupos (igrejas, sindicatos, [...]), da criação de grupos de reflexão e de uma imprensa feminista” (ZIRBEL, 2007, p. 28). Segundo França da Silva (2015, p. 895), no Brasil, com inspiração dos movimentos europeus, a necessidade do fim da ditadura e de novos direitos sociais, culturais e de gênero, “[...] os movimentos sociais de mulheres evidenciaram a pluralidade das suas reivindicações em tempos de ditadura”.

⁴ “O primeiro país que garantiu o sufrágio feminino foi a Nova Zelândia, em 1893, fruto de movimento liderado por Kate Sheppard. No Reino Unido, o movimento começou em 1897 com a fundação da União Nacional pelo Sufrágio Feminino, por Millicent Fawcett. As mulheres começaram a ir às ruas e a fazer greves de fome, tudo com o fim de expor o sexismo institucional da sociedade britânica. Os protestos só tiveram um notório sucesso em 1918, com a aprovação do *Representation of the People Act*, o qual estabeleceu o voto feminino no país. No Brasil, o sufrágio feminino foi garantido através do decreto nº. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, assinado pelo presidente Getúlio Vargas” (SILVA DE SOUZA, 2016, p. 1).

Nesse contexto, segundo França da Silva (2015, p. 896), surgiu o pensamento que seria motor dos movimentos feministas: “o pessoal é político”, que abordava questões de direitos sexuais e reprodutivos, reconhecimento da sexualidade, reconhecimento da reprodução como cidadania, planejamento familiar, entre outros assuntos relacionados ao âmbito privado. Os grupos de reflexão, no Brasil, foram criados inicialmente nos estados de São Paulo, em 1972, e depois no Rio de Janeiro. Esses grupos foram inspirados em vertentes feministas da França e dos Estados Unidos. Segundo a autora, “[...] os ‘grupos de reflexão’ se espalharam, ganhando sucessivas sistematizações como práticas educativas em várias áreas”.

Os grupos de reflexão proporcionavam a socialização das experiências e permitiram às mulheres constatar “[...] que os problemas que vivenciam no seu cotidiano enquanto indivíduos têm raízes sociais e requerem, portanto, soluções coletivas”. A partir dessa reflexão, surge a afirmativa ‘o pessoal é político’, retórica fundamental do feminismo contemporâneo: “Isso implica a perspectiva de que a separação entre a esfera privada (vida familiar e pessoal) e esfera pública é apenas aparente” (SARDENBERG, 2004, p. 5).

Segundo França da Silva (2015, p. 896), como saldo dos anos em que ocorreram os grupos de reflexão, “[...] essas práticas permitiram pequenas revoluções individuais e coletivas [...]”. Ocasionalmente, “[...] redefinições no limite do privado e do público; elas acabaram por moldar novas relações sociais, inclusive e principalmente no interior das famílias” (FRANÇA DA SILVA, 2015, p. 899).

Na década 1980, acontece a terceira geração do feminismo, que segundo Narvaz e Koller (2006, p. 649), “[...] concentra-se na análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade. Com isso, desloca-se o campo do estudo sobre as mulheres e sobre os sexos para o estudo das relações de gênero”. É nessa fase do movimento feminista que se observa, intensamente, a intersecção entre o movimento político de luta das mulheres e a academia, quando começam a ser realizados, nas universidades, estudos sobre mulher, gênero e feminismo (NARVAZ e KOLLER 2006).

Nessa fase do feminismo, também ocorre a compreensão da opressão específica que sofrem, por exemplo: as mulheres passaram a refletir sobre seu papel e constataram que o trabalho doméstico realizado por elas era gratuito e socialmente desvalorizado, surgindo questionamentos sobre os motivos desse tipo de trabalho ser direcionado para as mulheres e sobre a maternidade como uma obrigação (FRANÇA DA SILVA, 2015).

Sardenberg (2004, p. 2) defende que não bastam os direitos que as mulheres conseguiram na Constituição, se na prática, não acontecem:

Embora fundamentais, direitos constitucionais não são suficientes para transformar ou mesmo trazer melhorias sensíveis nas condições de vida e trabalho das mulheres. Para tanto, ou seja, para promover a equidade professa na legislação, é preciso atentar para a especificidade da condição feminina e, ao mesmo tempo, criar as condições que propiciem o desencadear de um processo de conscientização e ‘empoderamento’ das mulheres.

Segundo Sardenberg (2004), as mulheres enfrentaram um longo período de opressão, foram silenciadas e ocultadas diante de diversos fatos e acontecimentos da história oficial. Porém, esse cenário foi alterado devido a grupos de mulheres que decidiram reivindicar direitos e espaço na sociedade ao perceber a condição de subordinação em que viviam e os preconceitos de gênero que sofreram e sofrem.

3.2 APROPRIAÇÕES DAS METODOLOGIAS FEMINISTAS

Narvaz e Koller (2006) trazem a questão de que a objetividade foi preconcebida como característica do homem e, na ciência, ainda é defendido como pré-requisito ser objetivo e neutro, pois emoções e subjetividade não se enquadra na ciência tradicional androcêntrica. Entretanto, no conhecimento feminista, Narvaz e Koller (2006, p. 651) defendem que:

[...] mais apropriado seria falar em epistemologias e em metodologias, no plural, uma vez que não há uma só forma de produção do conhecimento, mas várias, a partir de diferentes teorias. As epistemologias feministas abrem-se para um campo multidisciplinar e defendem a pluralidade metodológica. A ciência, na perspectiva das epistemologias feministas, tem gênero, havendo diferentes maneiras de produzir conhecimento. Homens e mulheres fazem ciência de formas diferenciadas.

Para Neves e Nogueira (2005, p. 411), as metodologias feministas são

[...] profundamente intervencionistas, não podem deixar de estar ao serviço da mudança social. Podemos assim assinalar que as metodologias feministas são reflexivas na medida em que implicam o reconhecimento da influência dos fatores sociais, históricos, culturais e políticos na construção do conhecimento [...].

O movimento feminista vem desenvolvendo “[...] diferentes técnicas, dinâmicas e práticas educativas diversas, que visam a sensibilizar mulheres (e homens também) para questões de gênero” (SARDENBERG, 2004, p. 2). São práticas de “pedagogias feministas”⁵ que integram as chamadas “pedagogias alternativas”, voltadas para a educação libertadora. Por pedagogia feminista, Sardenberg (2004, p. 2) define:

⁵Essa pedagogia feminista tem suas raízes na teoria crítica da Escola de Frankfurt, cuja influência se evidencia no pensamento de Paulo Freire e sua “pedagogia do oprimido” (SARDENBERG, 2004, p. 3).

Conjunto de princípios e práticas que objetivam conscientizar indivíduos, tanto homens quanto mulheres, da ordem patriarcal vigente em nossa sociedade, dando-lhes instrumentos para superá-la e, assim, atuarem de modo que construam a equidade entre os sexos. Seu principal objetivo, portanto, é libertar homens e mulheres das amarras das ideologias e hierarquias de gênero, ou seja, da construção social das diferenças/desigualdades entre os sexos [...].

Essa pedagogia é aplicável a todas as metodologias desenvolvidas para o trabalho com mulheres, segundo Sardenberg (2004), objetivando desencadear um processo de liberação pessoal e desenvolver uma consciência crítica como primeiro passo essencial para ações coletivas transformadoras, para assim chegar à transformação integral do indivíduo.

As pedagogias feministas e suas metodologias não reconhecem o ato de educar de forma hierárquica, como um repositório de conhecimentos passados pelos educadores, que são proprietários do conhecimento formal e simplesmente o reproduzem. Acreditam que o processo educativo não é neutro, pois ele doutrina e conduz quem o recebe, como igualmente pode libertá-lo em um processo recíproco de ensino-aprendizagem, no qual sejam promovidos diálogo e conhecimento produzido coletivamente (SARDENBERG, 2004).

Sardenberg (2004, p. 4) aborda que a “[...] busca educativa baseia-se no reconhecimento de que romper com as amarras dos condicionamentos de gênero e, em especial, com a subordinação, não é um conhecimento que se transmite”. Ao contrário: é um processo que se constrói, de forma pessoal e coletiva; que não é linear nem homogêneo, e sim cheio de incertezas e contradições.

Segundo Sardenberg (2004, p. 4):

Não só no Brasil, mas por toda a América Latina, novas metodologias vêm sendo desenvolvidas e/ou apropriadas para o trabalho com mulheres das camadas menos favorecidas, seja das zonas rurais quanto urbanas. Dentre elas, incluem-se, além das oficinas, [...] o trabalho com grupos focais, grupos solidários e planejamento estratégico, trabalho esse orientado pelo que vem se convencendo denominar ora ‘pedagogias de gênero’, ora ‘pedagogias feministas’.

Entre as metodologias empregadas no trabalho com mulheres de setores populares, segundo Sardenberg (2004, p. 10), as oficinas de autoconsciência tiveram resultados positivos, sendo amplamente utilizadas em diversos países. “As oficinas hoje ocupam um lugar privilegiado nas pedagogias críticas feministas [...]”, variando as temáticas e contando com a criatividade das participantes.

De fato, na história do movimento, as oficinas têm sido o espaço privilegiado em que as feministas latino-americanas não apenas trocam vivências e experiências de vida e de trabalho (e aprofundam a autoconsciência), como também pensam coletivamente, elaboram estratégias e definem ações. Revivem, assim, no contexto dos encontros, a

prática dos grupos de autoconsciência e ação que marcaram a retomada do movimento (SARDENBERG, 2004, p. 10).

Dentro das oficinas, ocorrem trocas de vivências e experiências entre as participantes. Tais práticas as conduzem a uma reflexão coletiva sobre a situação, condicionamentos e hierarquias de gênero, bem como as incentiva a tomar a palavra e a ação, e não apenas ouvir e silenciar (SARDENBERG, 2004).

Das metodologias e dos resultados obtidos através dessas trocas, depende o seu sucesso “[...] de um processo gradual, de tentativas e erros, de construção e desconstrução, que leva em conta as especificidades dos grupos e indivíduos em questão [...]”, uma vez que “[...] trata-se de um trabalho que depende não apenas da ‘boa vontade’, mas de mudanças de mentalidade e em estruturas de poder mais amplas às quais se interpõe uma série de obstáculos” (SARDENBERG, 2004 p. 11).

Sardenberg (2005, p. 16-17), define as atividades que concretizam as pedagogias feministas, como:

1. Partir da realidade e experiência das mulheres;
2. Reconhecer os saberes intuitivos, implícitos que as mulheres trazem, tornando-os explícitos;
3. Estimular a análise das noções trazidas pelas participantes e das novas concepções geradas no grupo;
4. Estimular a busca da compreensão das raízes dos preconceitos, dos mitos e das condições de subordinação das mulheres;
5. Criar um ambiente de livre expressão e de estímulo à participação de todas;
6. Trabalhar as mensagens de transformação, os novos saberes, de maneira que façam e tenham sentido para as mulheres em suas condições particulares;
7. Reconhecer que cada mulher tem seu ritmo no processo;
8. Criar um espaço “específico” do grupo, que sirva não apenas para reflexões, mas também para as atividades lúdicas do grupo;
9. Criar um sentimento de pertencimento ao grupo, de identidade de grupo, o que facilita a construção das participantes como sujeitos sociais, com consciência de gênero;
10. Fazer amplo uso de oficinas, seminários e módulos participativos, com eventos capazes de estimular a participação e o diálogo, geradores de processos de auto-estima, autonomia e empoderamento;
11. Utilizar cartilhas e manuais interativos, com bastantes imagens, casos e exemplos.

Silva e Camurça (2010) enfatizam a importância da articulação do sujeito individual e coletivo, e a análise crítica das experiências femininas em uma “[...] busca constante da autoconfiança, da autonomia e da liberdade [...]”. As metodologias usadas no movimento feminista “[...] têm como princípios a articulação entre sujeito individual e sujeito coletivo e a

análise crítica das experiências, que são elementos fundamentais da constituição do feminismo como movimento social” (SILVA e CAMURÇA, 2010, p. 25).

As autoras chamam atenção para a importância do conflito, como força motora usada nas metodologias feministas:

O feminismo nasceu provocando conflitos, e o conflito tem lugar importante na metodologia de ação do movimento feminista. Historicamente foi e é ainda o enfrentamento dos conflitos o que abre a possibilidade de transformação, sejam conflitos de cada mulher consigo mesma ou nas relações interpessoais e de intimidade, sejam conflitos nas relações sociais mais amplas (SILVA; CAMURÇA, 2010 p. 25).

Para as autoras, metodologia feminista é o

[...] processo constante de elaboração e reelaboração, uma prática política em aberto, que sofre as influências dos novos conhecimentos que produzimos, das nossas lutas e das definições ético-políticas majoritárias em cada contexto e em cada organização do movimento (SILVA; CAMURÇA, 2010 p. 26).

Focando as metodologias feministas na arte da literatura, no ato de ler e escrever, como forma de emancipação e entendimento de si mesmas, é importante se distanciar do cânone, historicamente imposto e masculino. Zinani (2011, p. 410) aborda que “[...] os estudos culturais, associados ao pós-modernismo, englobam uma série de disciplinas, entre elas as relacionadas à literatura”. Os movimentos de vanguarda valorizaram expressões culturais muitas vezes marginalizadas, “[...] tais como a cultura popular ou a cultura urbana [...]” proporcionando vários “questionamentos relativamente à história da literatura e ao cânone como registro de obras consagradas e referendadas pela academia”. Foi atribuído valor a obras que não pertenciam ao cânone; suas regras foram questionadas, valendo-se de novas abordagens, “[...] o que destituiu a unicidade do cânone e da própria história da literatura, ambos, agora, caracterizando-se pela pluralidade” (ZINANI, 2011 p. 410).

Segundo Bellin (2011), existem duas principais vertentes da crítica literária feminista: a primeira diz respeito ao início do feminismo e enfatiza a mulher leitora; a segunda enfatiza a mulher escritora. As mulheres consumiam muitos romances sentimentais, o que estereotipou a leitura feminina, fazendo tal leitura e os romances feitos para mulheres não serem levados a sério pela tradição literária masculina, que marginaliza essas leituras por serem “temas domésticos e amorosos” (BELLIN, 2011, p. 3). Essa primeira vertente critica essa marginalização e defende a seriedade dos temas, assim como da mulher leitora. Desse modo, “[...] o movimento feminista inaugura uma leitura de resistência, que procura desconstruir os estereótipos relacionados à leitura feminina” (BELLIN, 2011 p. 3). As obras aceitas pelo cânone

literário geravam um “[...] problema de identidade para a mulher leitora [...]”, que não se identificava com os temas dos livros escritos por homens e com histórias para homens, os quais eram distantes das experiências femininas (BELLIN, 2011 p. 3).

Para mudar essa falta de identificação com o cânone, a análise literária das obras deve levar em conta “[...] o espaço no qual se articulam e se materializam as posições sociais de homem e mulher ao longo da história” (BELLIN, 2011 p. 4), sem negar a influência do gênero na escrita das obras, pois as vivências e visões de mundo masculinas e femininas são diferentes, e pesam na hora da leitura e interpretação das obras.

Segundo Bellin (2011, p. 5), a segunda vertente da crítica feminista “[...]mudou de foco, propondo uma extensa investigação de obras escritas por escritoras mulheres[...]”, enfatizando a necessidade de não analisar toda a literatura e, sim, “[...] era mais proveitoso debruçar sobre a literatura escrita por mulheres” (BELLIN, 2011 p. 5).

Para Bellin (2011, p. 2), “[...] o ato fundador da crítica feminista foi uma releitura de obras que fazem parte da tradição literária ocidental, quase em sua totalidade escrita por homens”. E a “[...] crítica se concentrava nos modos de representação das personagens femininas e continha um caráter de denúncia, afirmando que elas eram, muitas vezes, representadas como seres passivos, sem qualquer influência no desenrolar da ação de romances centrados na experiência masculina[...]” (BELLIN, 2011 p. 2).

Bellin (2011, p. 8) concorda que a leitura feminista é um ato político e, na análise da obra literária, devem-se levar em conta “perspectivas de gênero, raça e classe”. A autora chama atenção para a importância do leitor na análise da obra, e não apenas do escritor, “[...] sendo que a unidade de um texto não está mais na sua origem (o autor), e sim em seu destino (o leitor)”. Referenciando a teoria da recepção, que “[...] é de grande valia para os estudos feministas e de gênero [...]”, pois “[...]a crítica feminista também procura desvendar de que forma o gênero do leitor influencia a leitura de um texto” (BELLIN, 2011 p. 9), confirmando que “[...] para as críticas feministas o(a) leitor(a) é de fundamental importância para a interpretação do texto” (BELLIN, 2011 p. 10). Para Bellin (2011, p. 10), “[...] a leitura feminista e/ou de gênero leva em consideração, na análise de uma obra, o gênero do autor, o gênero do leitor e as configurações sociais que permeiam a vida de homens e mulheres[...]”.

3.2.1 Ampliação das noções de leitura

Martins (1997, p. 23)⁶, remonta às noções de leitura, retomando a capacidade de ler e escrever, que sempre foi elitizada e seleta a um pequeno grupo que tinha acesso à alfabetização. Mesmo atualmente, o ensino da escrita e leitura não chega a todos e os que têm acesso aprendem de uma maneira mecanizada, sem “[...] compreender verdadeiramente a função da leitura” (MARTINS, 1997, p. 23).

Martins (1997) defende que a leitura não deve ser limitada ao metódico, pois é uma experiência individual. A leitora precisa mais que a capacidade de decifrar sinais: é preciso dar-lhes sentido e compreendê-los. “O procedimento está mais ligado à experiência pessoal, à vivência de cada um, do que ao conhecimento sistemático da língua” (MARTINS, 1997 p. 32). O leitor possui um papel atuante na interpretação e absorção do objeto lido, e o sentido que dá ao texto tem influência do meio em que vive e das pessoas com as quais se relaciona. “A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento” (MARTINS, 1997 p. 33).

Para a autora, é importante “[...] começarmos a ver a leitura como instrumento libertador e possível de ser usufruído por todos, não apenas pelos letrados” (MARTINS, 1997 p. 35). Para isso, devemos “[...] compreender a leitura, tentando desmistificá-la, por meio de uma abordagem despreziosa, mas que permita avaliar aspectos básicos do processo, dando margem a se conhecer mais o próprio ato de ler” (MARTINS, 1997 p. 36). Diante disso, a autora apresenta três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional. Percebendo a leitura como “dinâmica e circunstanciada”, esses níveis se relacionam entre si e, muitas vezes, são simultâneos (MARTINS, 1997 p. 37).

A leitura sensorial engloba “[...] a visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto[...]” (MARTINS, 1997 p. 40). Esse modo de leitura é primitivo e nos acompanha desde o nascimento, com as primeiras percepções, e nos orienta por toda a vida. “Antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto: tem forma, cor, textura, volume, cheiro. Pode-se até ouvi-lo se folhearmos suas páginas. Para muitos adultos e especialmente crianças não alfabetizadas, essa é a leitura que conta” (MARTINS, 1997 p. 42).

A leitura emocional está no campo da subjetividade, no momento que lida com sentimentos, sensações e visões individuais de cada leitor. A autora sugere “[...] pensarmos o texto menos como um objeto (como foi evidenciado na leitura sensorial) e mais como um

⁶ Livro *O que é leitura*, escrito originalmente em 1982.

acontecimento, algo que acontece ao leitor” (MARTINS, 1997 p. 52). A leitura emocional envolve a ligação que o leitor tem com o texto, “[...] algo mais forte e inexplicável, irracional” (MARTINS, 1997 p. 53). O leitor pode estabelecer ligações entre o seu mundo e o exposto no texto, gerando emoções desencadeadas pela leitura. Entretanto importa “[...] frisar o quanto em geral reprimimos e desconsideramos a leitura emocional muito em função de uma pretensa atitude intelectual” (MARTINS, 1997 p. 61).

Já a leitura racional é aceita formalmente e cientificamente nas instituições: “[...] para muitos só agora estaríamos no âmbito do *status* letrado, próprio da verdadeira capacidade de produzir e apreciar a linguagem, em especial a artística. Enfim, leitura é coisa séria, dizem os intelectuais” (MARTINS, 1997 p. 62). Nesse nível de leitura, “[...] o leitor se debruça sobre o texto, pretende vê-lo isolado do contexto e sem envolvimento pessoal, orientando-se por certas normas preestabelecidas” (MARTINS, 1997 p. 64). Com isso, a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de “[...] estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais” (MARTINS, 1997 p. 66). A leitura racional pressupõe um distanciamento da obra analisada, gerando os questionamentos críticos necessários nesse nível de análise. A leitura racional conhece a obra a fundo, não apenas sente, buscando uma visão mais objetiva de todo o processo, “[...] o leitor visa mais o texto, tem em mira a indagação; quer mais compreendê-lo, dialogar com ele” (MARTINS, 1997 p. 71).

Almeida Mello (2010, p. 183) chama atenção para o fato de que os hábitos e incentivos de leituras aumentam se as pessoas identificam locais e condições favoráveis para a prática, como “[...] oficinas de produção criativas, saraus literários [...]”. A autora apresenta o método recepcional, referenciado por Bellin (2011) no item anterior, que tem por base a ênfase no leitor. Esse método “[...] está embasado na relatividade dos fenômenos culturais e históricos, reconhecendo que as obras de arte literárias não possuem uma significação única, imutável, determinada pela instituição literária (crítica, escolas, editoras) [...]”, acreditando que, ao contrário, “[...] são prenes de sentidos e reconstruídas em cada leitura, de acordo com as experiências individuais e coletivas dos leitores” (ALMEIDA MELLO, 2010 p. 184).

O conceito de literatura é repensado, à medida que se reconhecem as contribuições individuais de cada leitor, deixando de ter uma “essência transcendental” e criando “[...] um sistema de relações que congrega tanto o texto quanto o mundo histórico extratextual” (ALMEIDA MELLO, 2010 p. 185).

Sobre o papel da mulher leitora e escritora, segundo Cunha (2012, p. 5), “[...] a linguagem coloca-se para a mulher como uma questão de identidade, na medida em que percebendo o mutismo a que foi, durante séculos, submetida, percebe também que o acesso às formas simbólicas de cultura e de poder se faz através da linguagem”. Baseado nesta questão, “[...] não poderá ser indiferente que seja uma mulher a escrever, se e quando utiliza a palavra, o faz para veicular perspectivas distintas daquelas que sustentam o discurso hegemônico” (CUNHA, 2012 p. 5). A autora aborda que muitas produções femininas são sobre a importância do ato de escrever e o direito à palavra e à escrita, pois “[...] escrever o corpo, falar do desejo feminino, das ânsias, aspirações e sentimentos da mulher equivalem a partir à descoberta de sua identidade, à exploração de si mesma”, identificando isso “[...] como se lhe fosse necessário cartografar-se para afirmar a sua subjetividade, o seu eu, e a apreensão da realidade com base nessa experiência” (CUNHA, 2012 p. 6).

3.3 A LUTA FEMINISTA NAS REDES SOCIAIS: IMPORTANTE FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO

Segundo Espindola (2015, p. 2), “[...] com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs), principalmente a internet, as abordagens normativas de determinadas concepções na sociedade ocidental estão sendo reconfiguradas”, tais como visões “referentes às expressões de sexualidade, gênero e identidade”. Na abordagem de Espindola (2015), esses conceitos são construídos em diversos contextos sócio-históricos e estão passando por alterações e absorvendo uma “nova visão de pluralidade”. Com isso, “[...] o surgimento das redes sociais *on-line* ou digitais abriram fronteiras inéditas para a socialização humana, tornando-se importantes ferramentas na multiplicação de discursos e significação de novos saberes e sentidos” (ESPINDOLA, 2015 p. 2).

Para Espindola (2015, p.), a internet tem potencial para trazer a visibilidade para os movimentos sociais, determinando novos valores, abrindo caminho para representações mais plurais e para a diminuição de desigualdades. Em contrapartida, o discurso midiático, ainda hegemônico e conservador no Brasil, busca, muitas vezes “silenciar grupos e sujeitos sociais”. Por isso a importância do “surgimento de uma sociedade em rede” que disponibiliza “[...] novas formas comunicacionais e possibilita novos processos discursivos de produção e construção de uma realidade para além daquela imposta pela normatividade atual”.

Segundo Espindola (2015, p. 5), “[...] a comunicação em rede tem se destacado por duas características principais: interatividade e agilização dos processos comunicativos, de forma a

construir uma nova comunidade política, sem barreiras territoriais”. Como é a mídia que tem o poder de dar voz e visibilidade, é fundamental ocupá-la para dar “[...] vazão à luta das minorias no que ela tem de mais radical: poder falar e ser escutada” (ESPINDOLA, 2015 p. 7).

Segundo Espindola (2015, p. 9), as redes sociais possibilitam um espaço para debates, pensamentos e análises, “[...] suscitam que movimentos sociais tragam à pauta da esfera pública questões que até então se encontravam silenciadas na esfera midiática tradicional”. A autora chama atenção que “[...] a apropriação das redes sociais por parte dos movimentos sociais tem sido canal de divulgação de iniciativas e mobilização de indivíduos em torno de uma causa em comum” (ESPINDOLA, 2015 p. 15). E destaca que “[...] tais redes são utilizadas enquanto resistência ao monopólio da grande mídia e instrumento de combate ao modelo tradicional e conservador de difusão de informações[...]” (ESPINDOLA, 2015 p. 15).

Langner, Zuliani e Mendonça (2015, p. 2) abordam que o movimento feminista, com o uso da internet, “[...] encontrou uma nova frente para sua ação, a qual se tornou o meio por excelência para potencializar as lutas da esfera pública”. As autoras acreditam que “[...] a internet fomentou a disseminação dos ideais feministas, em especial porque propicia às próprias feministas produzir e divulgar o conteúdo com facilidade e amplitude na rede” (LANGNER, ZULIANI e MENDONÇA, 2015 p. 5).

Defendem que as redes sociais e os *blogs* se “[...] consolidam como uma mídia alternativa a fazer frente ao machismo da mídia tradicional” (LANGNER, ZULIANI e MENDONÇA, 2015 p. 5). O uso das redes, *blogs* e outros são de fácil acesso e manuseio, além da rapidez na transmissão e disseminação das publicações, facilitando os contatos e retornos. Com isso, o feminismo busca, “[...] através da disseminação de seus ideais por meio das ferramentas da internet, a liberdade das mulheres em relação aos padrões estabelecidos pela sociedade e compreendidos como naturais” (LANGNER, ZULIANI e MENDONÇA, 2015 p. 6).

Segundo as autoras, a internet traz voz e ação aos movimentos, facilitando a mobilização, produção de conhecimentos, organização de encontros, troca de vivências e histórias de vida, criando cada vez mais participação de pessoas. “Desse modo, é visível a relevante interatividade democrática que a internet permite ao movimento feminista” (LANGNER, ZULIANI e MENDONÇA, 2015, p. 7). Para elas, “[...] é possível afirmar que, a par dessa inserção das pautas do movimento feminista na internet, é notório que o movimento se apropriou das novas tecnologias para se expandir e se fortalecer, com expressivas repercussões na esfera pública” (LANGNER, ZULIANI e MENDONÇA, 2015 p. 8).

Fonseca (2017) aborda que “[...] uma das possibilidades centrais que a internet trouxe para nossa vida é a possibilidade discursiva, para que nós mesmas façamos corpo de contra discurso”. As mulheres ocupam, com isso, um espaço antes negado, possibilitando a narrativa das suas vidas e a conexão com outras mulheres que têm histórias de vida semelhantes ou empatia pelas mesmas. E com a viabilidade de “[...] construir nossas próprias narrativas, insurgir desconstruindo pensamentos e construindo saberes através da coletividade, criamos possibilidades de vivências nas quais a violência de gênero é identificada com facilidade por mulheres [...]”, e não aceitando mais como algo natural, passando “[...] a lutar para desconstruir esses discursos e apontar a direção que se deve seguir para uma sociedade mais igualitária. Igualitária para todas: um local no qual uma variedade imensa de feminismos encontram possibilidade de fala” (FONSECA, 2017, p. 1).

3.4 SÍNTESE DO TERCEIRO CAPÍTULO

Na contextualização do feminismo, destaca-se a criação das oficinas de autoconsciência e dos grupos de reflexão, que eram reuniões realizadas por mulheres para debater suas problemáticas da vida privada, entendendo que os problemas que antes eram vistos como individuais, passam a ser vistos e defendidos como públicos e com isso políticos. As mulheres identificaram que problemas que viviam na sua vida privada podiam ser resolvidos coletivamente e de forma pública, pois o problema de uma podia ser vivenciado por outra e com os encontros essa questão se evidenciava e possibilitava uma solução conjunta. Essas oficinas e grupos para reflexão se disseminaram por vários países e viabilizaram a criação de espaços em que as mulheres podiam falar e ser ouvidas e não mais apenas silenciar, como vinham fazendo ao longo da história, caracterizada como de submissão e marginalização se comparada com a posição dos homens na sociedade.

As mulheres foram excluídas por um longo tempo da produção de conhecimento e do acesso a educação, esse fato impactou sua posição na sociedade e seus registros na história, o que fez suas vidas não terem sido contadas pela visão feminina. As mulheres foram marginalizadas e silenciadas, reclusas a vida privada que lhe foi imposta. A proibição de acesso ao estudo e a informações fez ser tardia sua identificação de subordinadas e do machismo que viveram ao longo a história. A consciência de sua situação e posição na sociedade foi um

processo construído lentamente, em espaços como reuniões, leituras, movimentos, mobilizações, entre outros. De forma coletiva sua situação foi denunciada ao mundo.

A descrição e interpretação dos dados que serão apresentados no capítulo seguinte, foi feito a partir da reflexão de que as lutas feministas e femininas são plurais e, geram diversas atividades para se concretizarem, como blogs, redes sociais, mobilizações em grupos e nas ruas, oficinas, entre outras. Usam como método a pessoalidade e a subjetividade, o que denota variadas possibilidades de produção de conhecimento, de forma diferente do que é ensinado nas universidades, cujo conhecimento é hierarquizado. Essa maneira de passar conhecimento em que apenas uma pessoa detém o saber é diferente a defendida pelas mobilizações e movimentos feministas, que desenvolvem as metodologias feministas, como caminho alternativo de ensino e aprendizagem.

Entende-se metodologia feminista como um método participativo, em que as atividades partam da realidade dos sujeitos e propicie formas alternativas de produção de conhecimento, em que é defendido princípios de igualdade e coletividade. As metodologias feministas se caracterizam como um campo multidisciplinar e defendem a pluralidade metodológica. Se preocupam com a mudança social, o resgate da experiência feminina, o uso de linguagens não sexistas e o empoderamento dos grupos minoritários. Incentivam a reflexividade, a formação do senso crítico, o comprometimento e a parcialidade, visto que como as metodologias feministas partem da experiência e história de vida das mulheres não teria como fugir da subjetividade. Entende-se a escolha da metodologia usada como um ato político.

Algumas características marcam e identificam os métodos feministas, como: espaços próprios para mulheres se reunirem e dialogarem; partir da realidade de suas vidas pessoais; estímulo a identificação dos preconceitos e condição de subordinação; ambiente de livre expressão e participação; objetivar a transformação individual e social; consciência da hierarquia de gênero e a busca pela superação da mesma; criar identidade no grupo; entre outros.

Acredita-se que em um ambiente hierárquico não há incentivo de reflexão e produção de crítica. O uso das metodologias feministas visa gerar uma reflexão coletiva. Dentro disso, o uso das redes sociais online pelos movimentos feministas, apresentou possibilidades novas de atingir um público maior. As redes sociais são uma ferramenta fundamental na absorção de novos discursos, no qual as pessoas nas suas vidas pessoais podem não ter acesso, mas na vida online acabam por conhecer, facilitando a socialização humana.

Muitos assuntos e debates ficavam de fora da mídia tradicional: televisão, rádio, jornais ou revistas e, com o uso das redes sociais, estabeleceu-se uma mídia alternativa e universal, que todos tem acesso e podem falar qualquer assunto de maneira fácil e com rapidez na transmissão e disseminação de informações. As redes sociais criaram a possibilidade discursiva livre, sem aprovações ou avaliações, qualquer pessoa que tenha *internet* pode se comunicar e se expressar nas redes. Para o movimento feminista, essa característica é fundamental, uma vez que cria um espaço próprio em que uma grande variedade de visões sobre feminismos encontra liberdade de fala. Destaca-se a importância das redes sociais por sua amplitude, disseminação, pluralidade, visibilidade e interação constante entre as pessoas, que mesmo não estando próximas geograficamente, podem se aproximar pela comunicação *online*.

Sobre as críticas literárias e análise das obras, na visão feminista, deve-se sair do cânone aceito e valorizar obras escritas por mulheres, considerando a perspectivas de gênero. A leitura de obras de autoras femininas deve conter o caráter de resistência e denúncia, que se possa identificar e desmistificar preconceitos e estereótipos. Uma vez que o gênero influencia na escrita da obra, uma obra escrita por homem tem o perfil diferente do que de uma escrita por mulher, e a forma de analisar essas obras deve ser igualmente diferente. O ato de ler e escrever é entendido como sendo emancipatório e para analisar as obras deve ser entendido sua pluralidade e gênero. A análise das obras deve levar em conta o gênero da autora e do leitor, com isso os resultados dessa análise serão distintos dependendo de quem lê e de quem escreve.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo foi apresentado, primeiramente, a descrição dos dados colhidos, por meio das observações, conversas e questionários. A partir da apresentação das dinâmicas e metodologia do Leia Mulheres, foi feito, em um segundo momento, a análise desses dados embasada no referencial teórico, a fim de entender como a metodologia feminista se apresenta no Leia Mulheres.

4.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NAS REDES SOCIAIS

O Leia Mulheres participa das principais redes sociais: *instagram*, *twitter* e *facebook*, cada uma com funcionalidades distintas. Foi analisado apenas o *facebook*, pois é a rede escolhida pelo Leia Mulheres para divulgações, organizações e debates. Entende-se as redes sociais como uma importante ferramenta da comunicação entre as mulheres e o Leia Mulheres faz uso dessa funcionalidade para se organizar e debater.

Para identificar as atividades desenvolvidas na rede social, foi realizado uma pesquisa exploratória detalhada, juntamente com observações diárias na página do *facebook* do Leia Mulheres de Gravataí e Porto Alegre. Com isso foi possível verificar uma grande frequência de publicações, quase diária, por meio das mediadoras que, segundo observado, são as que mais publicam. Conforme *layout* próprio do *facebook*, em cada publicação feita é disponibilizado a opção “curtir”, caso tenha gostado da publicação, ficando registrado o nome do usuário que “curtiu”; “comentar” é o espaço para o debate, local em que os membros interagem sobre o assunto proposto; e “compartilhar” é a opção que o usuário tem de replicar aquela publicação na sua página pessoal ou na de algum amigo da rede. Essas funcionalidades criam interação entre os membros, pois mesmo que não se conheçam pessoalmente, conseguem discutir os assuntos publicados por meio dos comentários.

Os grupos de Porto Alegre e Gravataí são administrados pelas mediadoras. O de Porto Alegre foi criado em vinte e seis de julho de dois mil e quinze, um mês antes do primeiro encontro presencial, realizado em agosto de dois mil e quinze. O grupo de Gravataí é mais recente, foi criado em dezenove de maio de dois mil e dezessete, igualmente um mês antes do primeiro encontro, realizado em junho de dois mil e dezessete. Constatou-se, portanto, que os grupos tiveram origem na *internet* para depois se concretizarem presencialmente. O poder de serem administradoras dos grupos possibilita às mediadoras certas funções que os membros não

possuem, como excluir uma publicação ou pessoa do grupo. Por esse motivo, elas têm maior autonomia e controle no grupo *online* do que as participantes. Entretanto, nota-se uma relação horizontal em sua conduta *online*, na qual agem como qualquer membro, publicando, respondendo publicações de terceiros e debatendo nos grupos.

Devido ao fato do grupo de Porto Alegre ser mais antigo, conta com um número maior de membros e participantes, conforme contabilizado na descrição do capítulo um deste trabalho, Porto Alegre conta com 1.604 membros e o grupo e Gravataí tem 207 membros⁷, números que, conforme acompanhamento das páginas, têm crescido diariamente, Porto Alegre com maior expressividade que Gravataí. Ambos os grupos *online* têm perfil público⁸, ou seja, qualquer pessoa pode visualizar os conteúdos, sendo membro ou não. O que torna a visibilidade das páginas maior do que se tivessem um perfil fechado, em que apenas os membros visualizariam e participariam.

Por meio da exploração da rede social, para entender a dinâmica que ocorre nas páginas do *facebook*, foi realizada uma análise das postagens dos grupos *online* de Gravataí e Porto Alegre, em que foi possível constatar que tanto as mediadoras como as participantes membros consomem e criam conteúdos com bastante frequência, interagem de forma significativa, o que estimula a participação nos debates *online*. Nessa verificação das postagens foi constatado que as temáticas e publicações mais frequentes são: sugestões de outros grupos no *facebook*, que também incentivam o tema da mulher e leitura; divulgação de palestras, feiras literárias, cursos, oficinas de escrita, mostras de cinema, saraus, sugestões de livros, filmes, dicas de locais para doar livros e/ou adquirí-los, entre outros conteúdos dentro do recorte de gênero específico, que englobam nas postagens assuntos temáticos, como mulheres negras, mulheres lésbicas, homossexuais, história das lutas femininas, entre outros.

Além dos debates sobre temas variados e livres, os grupos *online* são usados para as decisões e divulgação dos encontros presenciais. Para isso, são criados “eventos”, outra ferramenta do *facebook*, que possibilita criar uma página temporária para divulgar algum encontro social, reunião, ou qualquer atividade que se queira promover. Para divulgar os encontros do Leia Mulheres, são criados esses “eventos” a partir do grupo oficial e por meio

⁷ Números de membros em seis de novembro de dois mil e dezessete.

⁸ Publicações em Páginas do Facebook ou grupos públicos: As Páginas do Facebook e os grupos públicos são espaços públicos. Qualquer pessoa que puder ver a Página ou o grupo poderá ver sua publicação ou seu comentário. Em geral, quando você publica ou comenta em uma Página ou um grupo público, uma história pode ser publicada no *Feed* de Notícias e em outros locais dentro ou fora do *Facebook*. (fonte: central de ajuda do facebook)

dele os membros podem confirmar a presença nos encontros e, assim como no grupo, interagir sobre qualquer assunto. Após algum encontro presencial ocorrer, é criado o próximo evento, com a data do encontro seguinte e assim sucessivamente, facilitando a organização das participantes e a programação para as datas previstas.

Os grupos também são utilizados para escolher a temática e os próximos livros que serão debatidos. No grupo de Porto Alegre, em um primeiro momento, é escolhida uma temática, fazendo um recorte maior dentro do tema mulher, essa escolha ocorre, na maior parte das vezes, presencialmente nos encontros mensais e divulgada no grupo *online*. As temáticas já utilizadas foram: escritoras latinas; escritoras negras contemporâneas; escritoras suicidas; escritoras gaúchas; entre outros. No segundo momento, dentro dessas temáticas é aberta uma votação *online* no grupo, com sugestões de livros que se enquadrem na temática escolhida. Esses livros são propostos tanto pelas mediadoras, quanto pelos participantes. Essa votação é feita por meio de outra ferramenta disponível no *facebook*, que são as “enquetes”, possibilitando colocar as opções de livros e cada membro vota em um ou mais livros de sua preferência. O livro que tiver a maioria dos votos é o escolhido para ser debatido no próximo encontro presencial. No grupo de Gravataí, não foi observada a escolha dos livros de forma *online*, o que indica que devem ser escolhidos presencialmente nos encontros.

Nos grupos das duas cidades, após a escolha do livro, as mediadoras e/ou participantes publicam resumos da história do livro, reportagens, vídeos sobre a vida da autora, trechos do livro, entre outras postagens para familiarização sobre o contexto da obra que será explorada no próximo encontro presencial. Essas postagens geram comentários e debates entre as participantes e mediadoras. Como muitos membros não leram o livro ou não podem ir aos encontros com regularidade, a divulgação sobre a autora e o conteúdo do livro acaba informando todas as participantes. Muitas vezes, os livros da leitura do mês estão disponíveis para *download* e são divulgados no grupo, para que as pessoas não precisem arcar com o custo de comprar o livro. Os 1.604 membros de Porto Alegre podem não ter oportunidade de se encontrar presencialmente, e as redes sociais trazem a possibilidade de acesso aos conteúdos e discussões do Leia Mulheres sem, necessariamente, ir aos encontros, o que torna a rede social mais frequente e ativa no dia a dia das participantes. Os membros e mediadoras, muitas vezes, utilizam a história dos livros para fazer paralelos com a realidade pessoal e social, de modo que é possível verificar, nas postagens, que ocorrem associações entre as narrativas das obras e as

histórias de vida das participantes, o que revela a reflexão e identificação da história fictícia com a vida pessoal de cada um.

Após os encontros nas bibliotecas, é postada no grupo *online* uma foto tirada no encontro presencial das participantes segurando seus livros, foi possível constatar que esse hábito se repete desde os primeiros encontros. A reunião dos grupos sempre é registrada com uma foto. Na postagem da foto *online*, as participantes, muitas vezes, dão sua opinião sobre como foi o encontro e sugerem algumas mudanças para os próximos. Observa-se com isso o uso do simbolismo para criar identidade entre as participantes. Além das fotos, outros recursos simbólicos são utilizados, como a história da criação do Leia Mulheres, que é replicada diversas vezes nas redes, e o próprio nome do grupo que serve de *slogan* e chama um recorte de sociedade que se interessa pelo tema.

Outra atividade que ocorre nos grupos *online* é o compartilhamento de postagens dos outros grupos Leia Mulheres do Brasil, mostrando que estão conectados e interagindo entre si, com isso, percebe-se que as ideias dos grupos estão afinadas e coletivas, pois o conteúdo produzido em outro grupo do Leia Mulheres do Brasil é inserido nos grupos daqui, gerando debates e engajamento.

Outro mecanismo do *facebook* de grande valia para a Leia Mulheres são os avisos de postagens, em que cada membro que participa dos grupos é notificado a cada mensagem postada, o que possibilita que as pessoas sejam avisadas quando uma publicação nova é feita. Essa ferramenta facilita a ligação entre o grupo *online* e as participantes, que estão sempre conectados nos assuntos que o grupo está divulgando e produzindo.

4.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NOS ENCONTROS PRESENCIAIS

A descrição foi feita com base na observação da pesquisadora, que foi anotada no diário de campo. Essa análise é baseada em dois encontros: no dia 28 de outubro, na Biblioteca Municipal de Porto Alegre, e no dia 9 de novembro, na Biblioteca Municipal de Gravataí. Por meio da apresentação das atividades que ocorreram nos dois encontros observados, busca-se mostrar a metodologia utilizada.

O encontro do Leia Mulheres de Porto Alegre, que ocorreu dia 28 de outubro, analisou o livro *Orgulho e Preconceito* da autora Jane Austen, que teve sua primeira publicação em 1813, trazendo o contexto da Inglaterra daquela época para o debate. Nesse livro, a personagem principal, Elizabeth, tem uma personalidade muito diferente das mulheres de sua época, gostava de ler e buscava adquirir novos conhecimentos. Por esses motivos e por não ter como principal objetivo de vida o casamento, as participantes do encontro identificaram a personagem como à frente do seu tempo.

Esse encontro contou com dezessete pessoas, entre elas apenas um homem e duas mediadoras. A média da faixa etária foi entre 30 a 40 anos e a maior parte das participantes têm ensino superior completo. Na Biblioteca, todas sentaram em volta de algumas mesas, em forma semelhante a um círculo, possibilitando que todos ficassem um na frente do outro.

No encontro de Gravataí, que ocorreu dia 9 de novembro, foi analisado o livro *Memórias de Adriano* da autora Marguerite Yourcenar, que teve a primeira publicação em 1951. O livro conta a vida do imperador romano Adriano até sua morte. Quem narra o livro é Adriano. Segundo relatos das participantes, a autora pesquisou a fundo a cultura romana e grega para escrever o livro, sendo fiel aos costumes e histórias da época, e talvez por isso o narrador seja um homem e imperador, pois as mulheres naquela época não tinham espaço público e eram tuteladas pelos homens, pai ou marido.

Nesse encontro participaram onze pessoas, incluindo um homem e as três mediadoras. O perfil das participantes foi em média de 25 a 50 anos e o grau de escolaridade é ensino superior completo. As participantes ficaram sentados em formato de círculo.

Em ambos os encontros foi possível notar um ambiente amigável, em que ocorreram conversas livres, clima descontraído com proximidade entre as participantes. Também se observou um caráter de diálogos livres e dinâmicos, em que todos interagem e buscavam fazer paralelos entre o livro e os dias atuais. Pode-se observar que o perfil das participantes de ambos os encontros é semelhante em relação à escolaridade, nos dois encontros prevaleceu à presença de pessoas com ensino superior completo, talvez por esse motivo tenham hábitos mais frequentes de leitura. Na questão das idades, houve maior variação no grupo de Gravataí, com a presença de pessoas acima de 50 anos em maior quantidade do que em Porto Alegre, que tinha mais participantes com até 30 anos. Confirmando o que as mediadoras contaram no questionário de exploração, evidenciou-se nos encontros a baixa participação de homens, e os que estavam

presentes eram de formação na área da educação, por isso o interesse pessoal pela leitura ou livro específico. No encontro de Gravataí, houve um diferencial: foi disponibilizada comida (bolo e salgadinhos) e bebida (refrigerante), sem nenhum custo para as participantes. A presença da comida criou um clima mais familiar entre as pessoas, diferente do grupo de Porto Alegre.

O encontro de Porto Alegre começou com uma das mediadoras apresentando a história do livro resumidamente, o contexto que o livro foi escrito e um pouco do perfil da autora. Foi comentado o fato dessa autora específica ter publicado o livro com seu próprio nome, apesar de na época ser muito comum utilizarem pseudônimos masculinos, sendo classificado pela mediadora, com concordância das participantes, como um ato de coragem, visto que o livro criticava vários aspectos da sociedade, e a autora poderia sofrer retaliação. Após a apresentação do livro pela mediadora, foi aberto para a interação entre as participantes.

As participantes, juntamente com a ajuda das mediadoras, falaram sobre as características psicológicas de cada personagem e como reagem ao perfil da personagem principal, por ser uma mulher forte e, diferente do perfil da época, abordando o papel das mulheres no livro e identificando o machismo entre os personagens. As participantes sugeriram que a autora quis mostrar que as mulheres poderiam ser racionais e inteligentes, e não ligadas apenas às emoções e subjetividades, como era estereotipado na época e ainda permanece na atualidade.

As participantes de Porto Alegre, a partir das reflexões da história do livro, levantaram questionamentos sobre a dependência do casamento para obter uma situação estável, o que ocorre pelo fato das mulheres não exercerem trabalhos remunerados fora de casa, dependendo financeiramente dos homens, identificando o casamento ainda com um caráter mercantil; o pensamento de que as mulheres são mais sentimentais e os homens mais racionais, o que ainda incentiva nos homens a postura máscula e insensível e nas mulheres a imagem de fragilidade; a questão da sociedade ainda ser estratificada por classes sociais, pois no livro os nobres tinham privilégios que as pessoas sem títulos não usufruíam, fazendo paralelo com a atualidade. Muitas vezes as discussões saíam da referência do livro, como as conversas que ocorreram sobre religião, costumes, preconceitos de gênero, raça e classes sociais, papel das mulheres em geral, definições e estereótipos de beleza, cultura, moda, entre outros assuntos. Outro debate relevante no grupo Porto Alegre foi sobre as diferenças que as participantes identificaram na escrita de

homens e mulheres, afirmando que as autoras mulheres têm uma visão e maneira de contar a história diferente dos homens.

No encontro de Gravataí a dinâmica foi muito semelhante. Dessa vez quem iniciou a apresentação do livro foram as participantes que haviam escolhido a obra do mês, a pedido da mediadora. Falaram sobre a história do livro, contexto histórico e personagens, chamando atenção para o fato de que todos os protagonistas eram homens e que as mulheres tinham um papel secundário no livro, bem como na sociedade da época.

Assim como ocorreu em menor escala no grupo de Porto Alegre, em Gravataí a maior parte do encontro não se deteve no livro em si, mas nas discussões que surgiram pela liberdade de fala e identificação de um local apropriado para o debate. Os assuntos que surgiram no encontro de Gravataí foram variados, como a falta de espaço e representatividade das mulheres que ainda permanece, a falta de compreensão das artes e cultura que está ocorrendo no Brasil, usando o exemplo de casos recentes de intolerância cultural, a impressão das participantes de que o conservadorismo na sociedade brasileira está crescendo, o que coloca em risco os direitos adquiridos pelas mulheres e destaca a importância de um projeto como o Leia Mulheres para marcar um espaço. Também falaram sobre outros livros, inclusive de Jane Austen, que foi a leitura do encontro de Porto Alegre, sobre a precarização e sucateamento que está ocorrendo nas escolas e no ensino, religião, política, movimento feminista, avanços e retrocessos. Abordaram a violência contra a mulher que vem crescendo de forma alarmante, atitudes intolerantes e repressivas contra mulheres, entre outros assuntos que impactam suas vidas direta ou indiretamente.

Foi possível observar que todas as participantes, de ambos os encontros, faziam relações do livro com a suas vidas pessoais e, principalmente, com o contexto atual, identificando que muitas ideias se mantêm desde a época do livro até os dias de hoje. Nos dois encontros presenciais houve o momento para tirar fotos, que ocorrem em todos os encontros, e serve como forma de registro dos encontros, publicado nas redes sociais, visando mostrar como ocorrem as reuniões e motivar a participação de outras pessoas.

Ao final do encontro de Porto Alegre foi anunciado o livro do mês seguinte, que já havia sido escolhido previamente por votação *online* no grupo do *facebook* de Porto Alegre. No encontro de Gravataí foi aberta a votação para a escolha do livro do próximo mês ao final do encontro e já existe uma lista com algumas sugestões que as participantes acrescentam

livremente, todo mês podem votar em uma das obras já sugeridas anteriormente ou sugerir um novo título. O livro que tiver mais votos será debatido no próximo mês. Nesse encontro em especial, por ser véspera de natal, a mediadora sugeriu ler o conto “Natal na barca” de Lygia Fagundes Telles, que seria acompanhado de um Sarau. Todas as participantes aceitaram a ideia e a votação habitual baseada na lista de espera será feita no próximo encontro.

4.3 EXPERIÊNCIA DAS MEDIADORAS

Esse objetivo específico foi analisado por meio das observações dos diálogos das mediadoras de Porto Alegre e Gravataí, conversas informais nos encontros e redes sociais e pelo questionário enviado por *e-mail* para esclarecimento de algumas questões que demonstrem a metodologia usada.

Para ser mediadora do Leia Mulheres basta identificar uma cidade que não tenha o projeto e entrar em contato com as organizadoras a nível nacional, que são do Leia Mulheres em São Paulo, elas passam as instruções e a mediadora é responsável por mobilizar as pessoas nas redes sociais e nos encontros presenciais. Qualquer mulher que se interesse por leitura e pelo propósito do Leia Mulheres pode ser uma mediadora.

As mediadoras assumem o papel de referência no Leia Mulheres. Elas realizam a maior parte das postagens nas redes sociais e coordenam os encontros presenciais, sendo um ponto de referência para informações, uma vez que estão no Leia Mulheres desde o início, acompanhando todos os encontros, o que não ocorre com as participantes que demonstram rotatividade e oscilação de presença nos encontros. A mediação de ambas é participativa, no sentido de que os diálogos entre elas e as participantes são horizontais e interativos, nenhuma discussão se sobressai em relação às outras. As mediadoras buscam manter um ambiente livre e dinâmico, com a intenção de que as pessoas se sintam livres em dar suas opiniões e contar suas histórias.

Todas as perguntas do questionário foram iguais e a primeira visa entender como ocorre à dinâmica dos encontros. Ambas as mediadoras, Clarissa, de Porto Alegre e Adriana, de Gravataí, comentaram sobre o espaço que as pessoas encontram para falar de suas vidas e não apenas dos livros.

Clarissa: Nos encontros sempre há pessoas que contam sobre suas experiências, suas ideias. O livro é o centro da discussão, mas ela sempre traz à tona a vasta gama de vivências e ideias das

participantes, que estão sempre livres para utilizar o espaço para colocar suas opiniões e sentimentos a respeito da obra e do mundo.

Adriana: Iniciamos sempre por comentários sobre a obra, sobre a autora e sobre sua escrita, temas, recepção, mas, de forma espontânea, sempre surgem relatos de experiências, de vivências e de outras leituras.

O segundo questionamento busca identificar a condução dos encontros e o possível direcionamento das mediadoras. Segundo elas, coordenam as reuniões para organizar a dinâmica, mas sempre com a preocupação de preservar a liberdade para as intervenções e participações de todos.

Clarissa: O encontro é direcionado pela mediação, que inicia propondo um tema de debate. Não há um formato padrão. De acordo com o andamento da discussão a mediadora sente se deve intervir ou não. Se deve direcionar o assunto para determinado ponto ou se deve deixar a discussão fluir, ou seja, o andamento da reunião depende da sensibilidade da mediadora.

Adriana: Fazemos a mediação da conversa, eu início, trago algumas informações sobre a autora e sobre seus outros títulos, a recepção, as condições de produção do livro escolhido. As outras mediadoras, geralmente, aproveitam o "gancho" e trazem suas impressões sobre a leitura, o que gera os comentários dos outros leitores e leitoras e daí em diante a conversa não para mais.

Em conversa presencial, a Adriana falou sobre as regras que o Leia Mulheres de São Paulo (fundador do projeto no Brasil) passa para todos grupos do país. Segundo ela, são apenas três: mediação sempre conduzida por mulheres; os livros analisados devem ser sempre escritos por mulheres; e aberto a todos os tipos de público. A Clarissa enfatizou outro ponto orientado pela sede de São Paulo, que é “não vincular o nome do grupo a atividades financeiras/venda de produtos.” Essas regras norteiam a postura das mediadoras, que buscam seguir esses pontos por identificarem que são regras dentro do que é esperado de uma proposta chamada Leia Mulheres, essas regras também foram a motivação para o surgimento do interesse por parte das mediadoras em relação ao projeto, uma vez que foca no tema mulher e é livre para qualquer pessoa. Os debates dos encontros ocorrem de forma livre, por esse motivo surgem diversos assuntos que interessam à vida das mulheres, como a discriminação de gênero. As mediadoras comentaram que o tema gênero surge de forma espontânea nos encontros, sem definições formais.

Clarissa: O tema não foi debatido particularmente nos encontros, mas usamos como orientação a auto identificação em relação ao gênero. Particularmente, acredito que o conceito de gênero é uma construção social e necessita ser desconstruído.

Adriana: Essas questões, por vezes, surgem nos encontros, mas são tratados sem muito aprofundamento, porque procuro evitar um tom academicista, já que sou a única do grupo com pesquisa no tema.

A mediadora Adriana enfatiza “que clubes de leitura nunca serão um sucesso de público, pela questão da falta do hábito de leitura na população em geral. Entretanto, o esclarecimento de que não se trata de um evento acadêmico pode trazer mais pessoas para os encontros”. As duas mediadoras deixaram claro que não é necessário, nem obrigatório, ter lido o livro para participar dos encontros, uma vez que o mais importante é o debate e as trocas que ocorrem entre as pessoas sobre temas que não estão, na maioria das vezes, ligados diretamente ao livro.

Sobre a forma como conduzem os encontros e o grupo do *facebook*, as mediadoras deixaram claro que tentam sempre manter o grupo *online* atualizado e promover discussões entre os membros. Entretanto, nos encontros presenciais o debate e as trocas de experiências e realidades é mais profunda, o que pode ser avaliado por ser “olho no olho” em um ambiente propício e, que gera maior proximidade entre as pessoas.

Adriana: A ideia é ser apenas uma mediadora que tem a função de fazer a conversa fluir, deixando as pessoas à vontade, principalmente para evitar um caráter de aula/palestra.

4.4 EXPERIÊNCIA DAS PARTICIPANTES

A descrição da experiência das participantes, bem como das mediadoras, resultou de observações dos diálogos, conversas informais nos encontros, redes sociais e, principalmente, pelo questionário enviado por *e-mail* para esclarecimento de questões que evidenciem a metodologia usada.

No encontro de Porto Alegre havia um número maior de participantes, com isso foi possível falar com quatro delas, que aceitaram expor suas experiências no Leia Mulheres, respondendo aos questionários. Todas têm ensino superior completo e idades entre 28 e 68 anos.

No encontro de Gravataí havia menos pessoas e duas participantes se disponibilizaram a participar. Ambas têm ensino superior completo e suas idades são 25 e 26 anos.

Na primeira pergunta foi questionado sobre como tiveram o primeiro contato com o Leia Mulheres. Ambas responderam que conheceram o projeto através das redes sociais, duas por meio do *Instagram* e as demais pelo *facebook*.

Participante POA 3: Conheci o grupo através do Facebook. Uma amiga compartilhou o evento, me interessei, li as informações do grupo e participei já do terceiro encontro, em outubro de 2015 e sigo [...].

Foi necessário conhecer as motivações das participantes para frequentar os encontros e o que as mantêm participando. Elas relataram que já tinham hábitos de leitura e interesse pessoal por literatura. Entretanto, antes de conhecer o Leia Mulheres, a participante POA 3 destacou que lia mais livros escritos por homens e, após a participação no projeto, ficou atenta para priorizar obras femininas. Perceber que leem mais livros de autores homens antes de conhecerem o projeto, é um comentário frequente entre as mediadoras e participantes, tanto nas redes sociais, como nos encontros presenciais. Essa identificação da falta de leitura de mulheres foi, inclusive, um dos motivadores da criação do Leia Mulheres no Brasil em 2015 (VIANA, 2015; CASTRO, 2017).

Participante POA 1: Eu sou uma pessoa que lê bastante, mas sentia falta de um local para conversar sobre o que leio. É muito diferente ler um livro e procurar resenhas e textos sobre esse livro, do que conversar de fato com alguém. Era isso que eu buscava, ter um grupo para conversar sobre o que li. Depois do primeiro encontro, o que me motivou a ir novamente foi que eu senti que tem pessoas de diferentes formações e que elas são todas bem-vindas para emitir as suas opiniões. [...] outra coisa foi que eu gostei do nível da discussão, tinham várias visões, mas ninguém dizendo qual que era a visão correta a ter sobre esse livro.

Participante POA 3: [...] podemos dizer que o grupo está atingindo o principal objetivo, temos lido, comprado e divulgado obras escritas por mulheres. Nos encontros conhecemos pessoas, trocamos nossas experiências de leitura, discutimos nossos pontos de vista, [...] sendo sempre um convite para continuar participando.

Participante POA 4: A motivação, inicialmente, era participar de um grupo que fizesse de suas leituras um momento de discussão sobre os mais variados temas, sem a perturbadora ideia de estar preso ao academicismo. A participação contínua no grupo promove conhecimento de

suas ideias e do possível avanço que se possa ter com este trabalho. É um desafio constante. É uma oportunidade de rever conceitos, de estabelecer novos paradigmas, de consolidar ideias, de aprender a ouvir seus pares, de falar com eles e construir uma abordagem coletiva sobre temas complexos.

Participante GTI 1: A principal motivação é, sem dúvida, o amor pela literatura e a consciência da necessidade de conhecer e valorizar as obras escritas por mulheres. Por muito tempo o meio literário, assim como quase todos os outros espaços profissionais, era dominado pelos homens, de forma que a publicação de livros de autoria feminina é mais uma conquista importante para as mulheres, que deve ser apreciada, reconhecida e valorizada.

Participante GTI 2: A princípio, o que me motivou foi participar de um clube do livro pessoalmente, ver a diferença de uma discussão *online*, fui uma segunda vez e pretendo continuar, pois, a experiência foi positiva e as conversas tomam rumos diferentes e interessantes.

Sobre a interação nas redes sociais, para identificar se é um canal de busca de informações e de debate entre as participantes, ambas concordaram com a importância das redes para a comunicação entre elas e com os outros Leia Mulheres do país. A Participante GTI 2 chamou atenção para o fato que as redes sociais servem também para pessoas que não têm o projeto na sua cidade, e por esse meio conseguem participar. Segundo a Participante POA 1, as redes sociais são uma forma de agrupar pessoas com o mesmo interesse em comum. Identificando que as redes sociais, se mostraram como importante ferramenta para expandir os discursos femininos e feministas.

Participante POA 3: [...] é lá que divulgamos os encontros, que nos comunicamos sobre as obras, trocamos dicas de acesso a obra, informamos quando não poderemos participar. O face é nossa ferramenta de contato mais usada.

Participante POA 4: Atualmente, creio ser impossível divulgar rapidamente um evento, uma ideia, um fato sem o auxílio das redes sociais. Interagimos pelo *facebook* sim, não só para informarmos sobre o livro que estamos lendo, como também para ir conhecendo outras escritoras, como estão os outros grupos que fazem parte do Leia Mulheres e, principalmente, atiçando a curiosidade para novas leituras.

A próxima questão investigada buscou entender a importância de um projeto em execução no formato do Leia Mulheres para as participantes. A maioria enfatizou a relevância de ter um local em que se sintam livres para falar, sem julgamentos. As participantes POA 1, POA 4 e GTI 1 citaram como sendo o motivador de irem aos encontros, o fato de identificarem esse local que incentiva diálogos horizontais e pessoais.

Participante POA 1: [...] é muito importante o corpo a corpo de um projeto como o Leia Mulheres. Ele pode tanto iniciar pessoas, chamar atenção para esse tópico, como agrupar pessoas com um mesmo interesse que não se agrupariam de outras formas.

Participante POA 4: A importância deste projeto está ancorada no princípio de conhecer escritoras mulheres. Esta delimitação já aponta que aí há um problema. Os problemas têm que ser entendidos, resolvidos. O Leia Mulheres está fazendo sua parte na sociedade ao abrir as portas para a compreensão de que, pelo menos, o problema existe. Que bom seria se estes e outros grupos se multiplicassem, pois assim se teria a oportunidade de buscar soluções racionais, evitando, por exemplo, a violência. O diálogo é o caminho. O Leia Mulheres dialoga.

Participante GTI 1: O Leia Mulheres proporciona um espaço agradável e seguro em que as participantes possam manifestar suas dúvidas e opiniões. É de conhecimento geral que o Brasil tem uma dificuldade grande no processo de formação de leitores, nas escolas são indicadas obras que não condizem com a faixa etária e realidade dos alunos, de forma que projetos como esse podem despertar o interesse pela leitura e debate, que se faz tão necessário nesse momento.

Sobre como identificam a dinâmica dos encontros, ambas as participantes disseram sentir liberdade de se expressar, manifestar suas opiniões e expor seus pensamentos e sentimentos.

Participante POA 1: [...] quando se faz um grupo, tem que estar disposto a ouvir os outros, e isso serve também para as mediadoras. [...] tem que saber também aceitar as extrapolações do grupo (o que no grupo de Porto Alegre tem sido feito tranquilamente).

Participante POA 3: [...] todas as pessoas que querem falar assim que manifestam este desejo são ouvidas e respondidas. O diálogo é bem solto, sem muitas formalidades. A obra é apresentada no início do encontro, geralmente quem sugere o título é que faz a apresentação, e partir daí cada participante vai falando de suas impressões e emoções despertadas durante a leitura.

Participante POA 4: Nossos encontros presenciais são abertos, qualquer pessoa que queira ler e discutir pode participar. Muitas pessoas já compareceram em um ou outro encontro, porque se sentiram atraídas pela temática que seria abordada. Foram sempre bem recebidas, tiveram voz sempre que se propuseram assim como as participantes mais assíduas. As mediadoras não colocam nenhum limite, todas as ideias são ouvidas, debatidas, mesmo que um consenso fique

mais difícil. O respeito às ideias é um dos pontos fundamentais. As mediadoras são democráticas, mesmo com opiniões diversas em algumas vezes. O que para mim é o fundamental. Saber divergir é importante na democracia.

Participante GTI 1: Fui ao meu primeiro encontro e a sensação que tive é de que quero voltar sempre. Todo o grupo demonstra tranquilidade e segurança para partilhar suas percepções acerca da leitura escolhida e sobre outros temas também.

4.5 POTENCIAL TRANSFORMADOR

Para esclarecer o potencial transformador da metodologia usada no Leia Mulheres, foram analisadas as respostas dos questionários aplicados às participantes e mediadoras, juntamente com a visão da pesquisadora.

Acredita-se que o potencial transformador do projeto surge antes dele, na possibilidade de o mesmo existir, o que décadas atrás não aconteceria. Quando as mulheres se expressavam, ficavam no anonimato ou em categorias de importância menor. Essa situação das mulheres vem sendo revertida nos últimos anos por meio das lutas e reivindicações do movimento feminista, que foram e vão as ruas buscar seus direitos e exigir determinados espaços na sociedade. Uma das conquistas foi a possibilidade de se reunirem para debater suas histórias de vida.

A fim de identificar o potencial transformador no Leia Mulheres, foi perguntado se as mesmas identificam a característica transformadora no Leia mulheres, e todas acreditam que o projeto tem esse potencial, destacando que é um projeto transformador para elas pessoalmente e também para sociedade em geral. As mediadoras, por se auto declararem feministas anteriormente à mediação do projeto, trazem na sua bagagem a visão da necessidade de transformação de posicionamentos machistas e a urgência de mudanças sociais. Mediar um projeto como o Leia Mulheres não foi por acaso, significa a ocupação de um espaço e a ampliação de um conhecimento oriundo da realidade das mulheres, que interfere e impacta na vida das mediadoras de forma pessoal. Essa questão não é diferente para as participantes, que destacam o aprimoramento do senso crítico e o fomento do diálogo igual entre os envolvidos. Outro ponto destacado pelas participantes é o exercício de aprender a falar e ouvir que o Leia Mulheres proporciona e que é tão necessário nos dias de hoje, em que se percebe uma intolerância nas visões diferentes de mundo.

Adriana: No Feminismo, aprendemos bem cedo a aproveitar as frestas, as brechas, os interstícios, é neles que a gente trabalha para ocupar espaços. Vejo no Leia uma ótima oportunidade de ocupação de espaço e de visibilidade para as questões ligadas ao protagonismo das mulheres, na literatura e em qualquer outro campo.

Participante POA 1: Acho que tem um potencial transformador sim, mas mais para aquelas pessoas que estão começando a pensar sobre o ser mulher na nossa sociedade ocidental. Acho que para pessoas que navegam na sociedade sem um pensamento crítico, movimentos como esse podem ser um local de partida para uma transformação, e acho que isso é imensamente positivo e necessário.

Participante POA 2:[...] aproxima as pessoas para uma discussão da importância feminina na literatura. [...] O Leia Mulheres ensina a ouvir, dialogar e respeitar a opinião do outro e, desta forma, em geral, ensina a viver melhor em sociedade.

Participante POA 3:[...] as participantes acabam sempre sendo pessoas que já tinham alguma relação com o mundo das letras ou então um interesse genuíno por literatura [...] há diversas leituras de cada obra, e então ao discutirmos podemos acabar transformando algumas ideias ou preconceitos sobre as mulheres, sobre a sociedade, sobre a vida e/ou pelo menos despertar reflexões.

Participante POA 4: O Leia Mulheres tem um potencial transformador porque trata fundamentalmente de literatura. Literatura é arte. A arte transforma. [...] o contato contínuo com livros escritos por mulheres, sugerem uma nova visão sobre este papel que representam. E a cada leitura aprofundamos um pouco mais a multiplicidade de verdades a encarar. Creio que a aprendizagem é contínua e o crescimento individual e coletivo proveem desta aprendizagem.

Participante GTI 1: A literatura transforma as pessoas na medida em que nos leva para diversos lugares, culturas e realidades sem sair do lugar. No cenário atual em que os direitos das mulheres são frequentemente questionados, precisamos fortalecer ainda mais nossa voz, reafirmar nossos direitos e assegurar nosso espaço e os livros manifestam a voz das mulheres.

Participante GTI 2: O contato com opiniões diversas fazem refletir a sua própria e ter um crescimento pessoal.

As envolvidas identificam a produção de conhecimento no Leia Mulheres, por meio das trocas de vivências pessoais e do caráter reflexivo e coletivo.

Participante POA 3: As trocas de informações que acontecem nos encontros pelo menos me fazem pensar bastante. Sempre alguém tem um conhecimento maior sobre a temática, sobre o contexto histórico, sobre a localidade e tempo onde se passa a obra, ou ainda sobre a autora e suas vivências. Além das relações que fizemos com nosso dia a dia, nossa sociedade atual, nossas experiências pessoais.

Participante POA 4: O Leia Mulheres propicia a expansão de horizontes. Por exemplo: eu leio um livro. Faço uma reflexão sobre o que li e coloco no grupo. Os demais participantes fazem o mesmo. Surge o debate e as tomadas de posições coletivas. O que nós do grupo (o Leia somos nós) nos ensinamos? A pensar coletivamente; a ampliar a nossa reflexão e perceber novas verdades; a compreender mais profundamente o universo feminino frente ao mundo; a valorizar cada palavra dita pelo grupo; a entender que a leitura é a grande fonte de ampliação de conhecimentos; a encarar o protagonismo feminino como uma luta contínua; a fortalecer nossas convicções de que a discriminação de sexo, cor, classe precisa ser constantemente monitorada.

Participante GTI 1: Quando realizamos um debate sobre uma obra literária, não focamos apenas nos aspectos internos da obra, como personagens, espaço, tema, mas sim, o contexto histórico da obra, influências do autor, entre outros. Essas reflexões proporcionam um entendimento maior da narrativa e complementam outros conhecimentos, agregando experiência literária que proporcionará, ao longo tempo, reflexões mais profundas e cuidadosas.

O Leia Mulheres se apresenta como um local para autoconhecimento e compreensão da situação das mulheres no mundo, e o processo que ocorre no Leia Mulheres por ser identificado como “intrinsecamente feminista” pela mediadora Clarissa, na sua dinâmica gera reflexão e senso crítico a cada encontro e a cada discussão.

4.6 ANÁLISE DO CAPÍTULO 4

Com a observação das redes sociais e dos encontros presenciais, evidencia-se a noção de que as metodologias feministas se apresentam de variadas formas, com técnicas, dinâmicas e práticas diversas, cujo maior objetivo é a conscientização da questão de gênero, que perpassa todas as discussões. O Leia Mulheres faz o recorte no gênero feminino, por identificar que

existe um déficit na representação e nos espaços ocupados por mulheres e, com a ocupação das redes sociais e dos encontros, marca um espaço fundamental para diálogo e reflexões.

O uso das redes sociais, por ter um caráter interativo e ágil nos processos comunicativos, atrai pessoas de diversas localidades, com a possibilidade de comunicação imediata pelas redes. Com isso o Leia Mulheres se apropriou desse local online, como forma de disseminar, produzir e divulgar conteúdos. Tudo o que os membros e/ou mediadoras publicam nos grupos está disponível para acesso de qualquer pessoa, inclusive fora do *facebook*, sendo imensurável a dimensão que esse conteúdo disponibilizado pode atingir pela infinidade das redes *online*⁹.

Sendo assim, é possível afirmar que o caráter público dos grupos *online* é proposital, para obter maior notoriedade e inclusão de qualquer pessoa que tenha interesse nos temas debatidos. O Leia Mulheres, assim como os movimentos e projetos feministas, apropriou-se das novas tecnologias, como o *facebook*, para expansão e fortalecimento, o que repercute na esfera pública.

Os temas e as postagens nas redes sociais são bastante variados, pois o grupo permite essa abrangência e liberdade, visto que é um projeto que inclui temas de minorias, dando possibilidade de fala a todas as mulheres. Da mesma forma que incentiva a liberdade de expressão, por meio das postagens, fomentando a divulgação de temáticas que influenciam direta ou indiretamente as mulheres. A *internet* tem potencial de trazer visibilidade, determinando novos valores, abrindo caminho para representações mais plurais e a diminuição de desigualdades. A apropriação das redes sociais pelo Leia Mulheres criou um canal de divulgação de iniciativas e mobilização das pessoas em torno de uma causa coletiva.

Tanto nas postagens do *facebook* de Gravataí e Porto Alegre, como nos encontros presenciais, pode-se notar por meio da metodologia utilizada nas dinâmicas, a aproximação e utilização de métodos feministas no momento em que é enfatizada a vida das mulheres e incentivada a reflexão sobre temas que surgem a partir dos livros, valorizando a liberdade de fala e a representatividade das mulheres em um meio historicamente majoritário masculino, como a literatura.

⁹ O *Facebook* é a maior rede social do mundo. São mais de 1 bilhão e meio de contas ativas, seguido pelo *WhatsApp* com 1 bi, *Instagram* com 400 milhões e *Twitter* com 320 milhões. O Brasil é o terceiro país com o maior número de contas ativas: 100 milhões de usuários. (Fonte: ESTUDIOFANTE, 2017)

Em ambos os encontros presencias de Gravataí e Porto Alegre, identifica-se um perfil semelhante aos grupos de reflexão e oficinas de autoconsciência que marcaram as lutas do movimento feminista, por ser a ocupação de um espaço importante para as mulheres falarem e serem ouvidas. A análise dos livros, em formato de clubes de leitura, assemelha-se com os grupos de reflexão que proporcionavam a socialização das experiências que permitiram às mulheres constatar que seus problemas da vida privada, têm raízes sociais e necessitam de soluções coletivas. Por essa razão é importante a formação de espaços próprios para que discussões e debates que evidenciem que a situação de subordinação das mulheres é coletiva e não individual. O Leia Mulheres se apresenta como um local específico para que as mulheres se expressem e discutam suas problemáticas, tanto relacionadas a história dos livros como diretamente de suas vidas. É um espaço livre para dialogar, gerando liberdade e trocas entre os membros.

As participantes e mediadoras nos encontros debatem os livros, identificando neles as características dos personagens, e como o machismo e os preconceitos de gênero se apresentam nas obras. Elas também avaliam a vida da autora e suas motivações para escrever a obra, que acaba refletindo no formato do livro e na forma que o mesmo é escrito. As participantes e mediadoras buscam denunciar e resistir aos estereótipos que aparecem nas obras, sendo todos eles debatidos e questionados. Essa avaliação das obras assemelha-se a das críticas literárias feministas, que tem como característica analisar obras femininas, tanto antigas como atuais, identificando diferenças na escrita e leitura masculina e feminina, evidenciando a influência do gênero na análise das obras. As críticas literárias feministas também valorizavam a análise dos personagens e história dos livros, ao mesmo tempo que buscam desmistificar os preconceitos e denunciá-los.

Uma das denúncias das críticas feministas, chamam atenção para a questão de que as mulheres eram representadas nas obras escritas por homens como “seres passivos, sem qualquer influência no desenrolar da ação de romances centrados na experiência masculina [...]” (BELLIN, 2011 p. 2). Este é o cenário da obra discutida no grupo de Gravataí, que mesmo sendo de autoria feminina, devido ao período histórico retratado na narrativa, as personagens mulheres ficaram em segundo plano, seguindo fielmente o retrato da sociedade da época. O que o grupo de Gravataí identificou e debateu.

É possível concluir, ao fim da observação dos encontros presenciais, que a dinâmica dos encontros não é hierarquizada, todos participam de forma igual e tem o mesmo espaço,

mediadoras e participantes, o que corrobora com a ideia inicial de um conhecimento que se produz coletivamente, usando uma metodologia diferente da formalizada nas escolas e universidades. Existe um processo recíproco, em que mulher ensina mulher, por meio das suas experiências de vida e dos livros, que possibilitam esse encontro para reflexão. É identificado na dinâmica do Leia Mulheres, que os assuntos são discutidos coletivamente e horizontalmente, com diálogos, relatos de vivências, opiniões e com um forte sentimento de empatia entre as participantes. Sobre as trocas entre as participantes, entende-se que o leitor possui um papel atuante na interpretação e absorção do objeto lido, e o sentido que dá ao texto tem influência do meio em que vive e das pessoas com as quais se relaciona, pois “a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido.” (MARTINS, 1997, p. 33). Os debates de assuntos que impactam a vida das mulheres, mostram que as discussões não se limitam a história dos livros, mas por meio deles incentiva-se a formação do senso crítico das participantes, o que demonstra o uso da metodologia feminista na dinâmica apresentada, pelo caráter plural e reflexivo das atividades e discursos.

Uma questão abordada pelas mediadoras e algumas participantes, foi a importância do Leia Mulheres não ter um “tom acadêmico” ou perfil de uma aula, pois o objetivo do projeto é o oposto. O que corrobora com o formato da metodologia feminista, que se caracteriza pelo fato de não ser hierarquizada e de defender a produção de conhecimento de formas coletivas. Portanto, é proposital a metodologia aplicada no Leia Mulheres, uma vez que valoriza uma dinâmica horizontal de construções coletivas entre as participantes, no qual são tratadas e valorizadas problemáticas femininas, mas também da sociedade em geral, pois de forma direta ou indireta, sempre afetam os grupos minoritários. O modelo apresentado no Leia Mulheres se enquadra na questão de que as metodologias feministas não reconhecerem o ato de educar de forma hierárquica, como um depósito de conhecimentos passados pelos educadores, mas apresentam em um processo recíproco de ensino-aprendizagem, no qual ocorrem diálogos e produções coletivas (SARDENBERG, 2004).

Sobre o último objetivo específico, que buscava identificar o potencial transformador do Leia Mulheres, acredita-se que esse potencial surge antes do projeto, na possibilidade de o mesmo existir, o que décadas atrás não aconteceria. Como foi abordado no referencial teórico: a exclusão das mulheres no acesso à educação impactou suas produções e a consciência de sua situação de subordinação.

A possibilidade de criação de espaços para as mulheres dialogarem suas problemáticas, foi uma mudança transformadora, uma vez que os conhecimentos que elas podem produzir e sua autoconsciência não é um saber que se transmite, e sim, é um processo que se constrói diariamente, de forma pessoal e coletiva.

Sobre a produção de conhecimento no Leia Mulheres, notou-se que ocorre de forma parcial, pois não se concretiza fielmente como nas metodologias feministas, uma vez que nelas, o conhecimento produzido forma senso crítico e o ativismo político. O que se percebe no Leia Mulheres é que os debates ficam limitados as redes sociais e aos encontros presenciais, mas não saem desses espaços para lutar pelo que estão debatendo. O senso crítico das metodologias feministas gera ações para além dos debates, virando lutas, movimentos e mobilizações sociais. Identifica-se que o conhecimento que se produz no Leia Mulheres é mais sobre si mesmas e sua situação no mundo, entretanto, acredita-se que o projeto nesses dois clubes estudados tem potencial de expandir para além do debate virtual e presencial, o que pode ser fomentado pelas mediadoras em encontros futuros.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou conhecer a execução da metodologia feminista no projeto Leia Mulheres em Porto Alegre e Gravataí, a fim de mostrar a viabilidade e importância de outras formas de conhecimento, neste caso, um conhecimento gerado a partir da vida das pessoas, em especial das mulheres.

Este trabalho apresentou, por meio de uma experiência concreta, a relevância de diferentes metodologias de ensino, como alternativa às utilizadas nas escolas e universidades, em que o professor é o detentor do saber e repassa o conhecimento para os alunos. Nas metodologias feministas o processo é o oposto, não existe um conhecimento preestabelecido e ninguém é detentor do saber absoluto. Acredita-se na produção do senso crítico e reflexão de forma coletiva e horizontal, de modo que o diálogo, as experiências e histórias de vida possam gerar um processo transformador.

O projeto estudado e apresentado neste trabalho mostrou que as dinâmicas baseadas nas metodologias feministas são viáveis e ocorrem por fora dos meios formais de ensino, entretanto, nem por isso tem menos valor, pelo contrário, persistem e continuam mantendo seus espaços mesmo sem apoio externo, apenas com a determinação das mulheres. O Leia Mulheres é um projeto que nasceu da sociedade, ele existe única e exclusivamente pela vontade das pessoas de lerem livros escritos por mulheres, dialogar, aprender e refletir sobre os assuntos que surgem por meio das leituras.

O primeiro objetivo específico: identificar as atividades desenvolvidas nas redes sociais, foi atingido com a análise das atividades que ocorrem na principal rede social do projeto. Por meio de pesquisa exploratória e diária no *facebook* foi observado que ocorrem trocas de informações sobre eventos, livros e saberes, gerando debates, trocas de ideias, vivências e diálogos entre as participantes, além de ser a ocupação de um espaço importante para divulgação e representatividade, o que se enquadra como parte da metodologia feminista no momento em que gera reflexão e coletividade, pois as redes sociais *online* aproximam pessoas que talvez nunca se encontrem e possibilita interação entre elas.

Como os encontros presenciais acontecem apenas uma vez por mês, nos demais dias é a rede social *online* que se faz presente na vida das pessoas. As mediadoras publicam diariamente temas que incentivam os debates e também utilizam como um meio de comunicação e decisões entre os membros. Entendendo as redes sociais como aliada e complementar aos encontros presenciais, uma vez que nas redes o debate antecede os encontros e continua após eles, atingindo mais pessoas, registrando publicamente os encontros e as

questões tratadas pelos envolvidos, ao mesmo tempo em que mantêm as pessoas conectadas e interessadas.

Da mesma forma, foi atingido o segundo objetivo específico: verificar as atividades desenvolvidas nos encontros presenciais, ao apresentar as atividades dos encontros presenciais, através da observação da pesquisadora nos dois encontros, um em Porto Alegre e outro em Gravataí, em que se constatou que as participantes e mediadoras não leem apenas os livros, mas por meio deles, o mundo. Identificam nas histórias suas problemáticas como mulher, em uma sociedade ainda machista e de pouca representatividade feminina. Por meio da exposição de seus pensamentos e vivências, provocam os debates que ultrapassam a análise dos livros e incentiva o senso crítico, o que mostra que as atividades dos encontros concretizam as metodologias feministas.

Observando os dois encontros, acredita-se ser possível entender o todo do projeto, uma vez que segue algumas determinações nacionais apontadas pelas mediadoras, como leitura de autoras mulheres e mediação apenas feminina. Por meio dos registros fotográficos *online*, percebe-se que os formatos dos encontros são sempre em círculos, para que uma pessoa consiga olhar para outra; e da presença, mesmo que pequena, de homens nas reuniões, provando o caráter aberto para todos os públicos, que é outra determinação apontada pelas mediadoras.

O terceiro e o quarto objetivos específicos, que são: conhecer a experiência das mediadoras e das participantes na aplicação da metodologia, expõem a experiência das mesmas, verificadas pelas conversas nos encontros presenciais e pelo questionário enviado por *e-mail*. Com isso foi possível conhecer a dinâmica e como se desenvolve a metodologia feminista dentro do Leia Mulheres. Por muitas vezes, as envolvidas trouxeram reflexões feitas nos encontros para as respostas dos questionários, o que demonstra, mais uma vez, que o Leia Mulheres não está restrito a análise de livros, mas sim e principalmente, objetiva criar um espaço propício para encontros em que as mulheres sintam liberdade de expressão e possam trocar suas histórias, características que corroboram com as metodologias feministas.

O último objetivo específico: analisar o potencial transformador da metodologia que o Leia Mulheres desenvolve, parte da visão da pesquisadora e das envolvidas, que identificam o potencial transformador do Leia Mulheres, uma vez que é um projeto que ocupa um espaço que ainda é pouco acessado por mulheres. A execução desse projeto está criando um local para reflexão, senso crítico e autoconsciência nas mulheres e sociedade em geral, de que existe uma diferença e uma dificuldade ainda maior para o acesso em muitos meios, mas que aos poucos vão sendo superados. Conforme apontado ao longo do trabalho, as mulheres já vêm ganhando espaço em vários meios, o que provoca grandes mudanças na estrutura social, que ainda é

identificada pelas envolvidas e pesquisadora como machista, tendo em vista que o gênero é limitador de muitas questões. A própria execução de um trabalho com esse tema já é transformador em uma sociedade em que, até poucas décadas atrás, as mulheres não tinham grande expressividade nas universidades e não participavam de produções científicas. Por essa questão, este trabalho, as metodologias feministas e o Leia Mulheres são entendidos como atos políticos.

A análise deste trabalho poderia ser feita com maior profundidade, por meio da presença da pesquisadora em mais encontros, o que não foi possível devido à falta de tempo e disponibilidade, dificultando uma presença mais ativa nos encontros mensais. Outra questão que poderia ser aprimorada para próximas pesquisas é a investigação da experiência dos homens nos encontros, o que não foi feito por definição de focar apenas na experiência das mulheres, para enquadrar no recorte do projeto, mas também por ter fácil acesso com as participantes mulheres e pela questão de que nos dois encontros havia apenas um homem em cada, o que dificultou o contato, mas entende-se ser relevante em futuras análises a opinião dos homens, para entender suas motivações e transformações ao participarem de um projeto focado na escrita feminina. Sobre a produção de conhecimento que é uma das características das metodologias feministas, não foi identificado de forma total, pode-se dizer que parcialmente há produção de conhecimento sobre si mesmas e sobre o mundo, o que é importante para o próximo passo, que seria sair do espaço dos encontros e ativamente lutar pelas mudanças que identificam serem necessárias nos debates. Como esse trabalho analisou apenas dois casos do Leia Mulheres, e sabendo que o projeto está em dezenas de cidades no Brasil, para confirmar a legítima produção de conhecimento do Leia Mulheres, seria necessário estudar os outros clubes.

Por fim, conclui-se que o objetivo geral deste estudo foi alcançado, no momento que analisou por meio dos objetivos específicos apresentados, como a metodologia feminista aparece e se desenvolve no Projeto Leia Mulheres em Porto Alegre e Gravataí.

REFERÊNCIAS

BELLIN, Greicy Pinto. **A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem.** Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n7/download/pdf/artigos_Greicy.pdf> Acesso em 15/09/2017.

BORGES, Adriana Emerim. Questionário respondido por e-mail para Julia Petersen. Cachoeirinha, 3 de outubro de 2017. (questionário completo nos apêndices)

CASSIANO, Adriele Machado. **Ativismo a partir das redes sociais.** Universidade de São Paulo. 2011. Disponível em: <<http://200.144.182.130/celacc/sites/default/files/media/tcc/426-1204-1-PB.pdf>> Acesso em 19/09/2017.

CASTRO, Karoline. **Leia Mulheres: Conhecendo o projeto e sua importância.** 2017. Disponível em: <<http://blog.chicorei.com/leia-mulheres/>> Acesso em 15/09/2017.

CASTRO, Mary Garcia. **Marxismo, feminismo e feminismo marxista – mais que um gênero em tempos neoliberais.** Crítica Marxista, São Paulo, Boitempo, v.1, n. 11, 2000, p. 98-108. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie59Dossie%205.pdf> Acesso em 15/11/2016.

COLLIN, Françoise. **Praxis de la diferencia. Liberación y libertad.** Barcelona, Icaria. 2006 Trad. Alicia García Ruiz. Disponível em: <<https://books.google.es/books?id=JUSLE7uEwQ8C&lpg=PA21&hl=pt-BR&pg=PA3#v=onepage&q&f=false>> Acesso em 01/11/2016.

CONNELLY, Goldsmith. **Feminismo e investigación social: Nadando en aguas revueltas.** Publicado en el libro: Debates en torno a una metodología feminista. 1ª Edición. México DF: UAM-X, CSH; 1997.

CUNHA, Paula Cristina Ribeiro da Rocha de Moraes. **Da Crítica Feminista e a Escrita Feminina.** Revista Criação & Crítica, n. 8, p. 1–11, abr. 2012. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoocritica/dmdocuments/CC_N08_PCRRMCunha.pdf> Acesso em 15/09/2017.

CORTÊZ, Natacha. Confeitaria Mag. **#ReadWomen2014: Mulheres, Literatura E Mais Uma Provocação.** 2017. Disponível em: <<http://www.modifica.com.br/readwomen2014-mulheres-literatura-e-mais-uma-provocacao/#.WfJe7HbNvIU>> Acesso em 26/10/2017

DE LIMA, Juliana Domingos. **A Flip nunca teve tantas mulheres no palco. Como chegamos aqui.** Nexo Jornal, 06 de maio de 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/05/06/A-Flip-nunca-teve-tantas-mulheres-no-palco>> Acesso em 30/10/2017

ESPINDOLA, Carolina Bonoto. **Cidadania Na Sociedade Em Rede: O Ciberativismo E O Combate À Lgbtfobia.** - Anais do 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede - 27 a 29 de maio de 2015 - UFSM / Santa Maria / RS. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2015/3-5.pdf>> Acesso em 16/09/2017.

FONSECA, Nathália. **Por que o Ciberativismo é tão valioso para o feminismo?** 2017. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2017/08/por-que-o-ciberativismo-e-tao-valioso-para-o-feminismo/>> Acesso em 19/09/2017.

FOX, Vitoria. *BLOG* Imprensa Feminista. **O feminismo como produtor de conhecimento.** 2014. Disponível em <<https://imprensafeminista.tumblr.com/post/95867020483/o-feminismo-como-produtor-de-conhecimento>> Acesso em 04/11/2017

FRANÇA DA SILVA, Elaine. **Metodologia feminista e direitos reprodutivos no Centro de Saúde Santa Rosa, Niterói (RJ).** Saúde em Debate, vol. 39, núm. 106. 2015. Centro Brasileiro de Estudos de Saúde, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406342828027>> Acesso em 11/11/2016.

GURGEL, R. M. **Extensão Universitária: Comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez – autores Associados, Universidade Federal do Ceará. 1986.

HARDING, Sandra; **¿Existe un método feminista?** Publicado en el libro: Debates en torno a una metodología feminista. 1ª Edición. México DF: UAM-X, CSH; 1998.

HERRERA, María Marta. **Praxis de la diferencia: Liberación y libertad. Mora (B. Aires),** Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 13, n. 2, dic. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-001X2007000200009&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 15/11/2016.

JOAQUIM, Teresa. **Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher.** Lisboa, n. 36, p. 20-33, dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-68852016000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28/09/2017.

LANGNER, Ariane; ZULIANI, Cibeli; MENDONÇA, Fernanda. **O movimento feminista e o ativismo digital: conquistas e expansão decorrentes do uso das plataformas online.** - Anais do 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede - 27 a 29 de maio de 2015 - UFSM / Santa Maria / RS. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2015/3-12.pdf>> Acesso em 16/09/2017.

LAURENZI, Elena (Universitàdi Firenze) **Obra ressenyada: Françoise COLLIN, Praxis de la diferencia. Liberación y libertad.** Barcelona: Icaria, 2006. Lectora: revista de dones i textualitat, Núm. 14 (2008), p. 325-330. Disponível em: <<https://ddd.uab.cat/record/163399?ln=ca>> Acesso em 14/11/2016.

LEIA MULHERES. **Sobre Nós**. Disponível em: <<https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>> Acesso em 05/09/2017

_____. **As mulheres da Flip 2017**. Disponível em: <<https://leiamulheres.com.br/2017/05/as-mulheres-da-flip-2017/>> Acesso em 31/10/2017

MAFFIA, Diana. **Crítica feminista à ciência**. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar (org.). *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador: REDOR/NEINFFCH/UFBA, 2002, p. 25-38.

MIES, María; Bernal, Gloria Elena; **¿Investigación sobre las mujeres o investigación feminista?: El debate en torno a la ciencia y la metodología feminista**. Publicado en el libro: *Debates en torno a una metodología feminista*. 1ª Edición. México DF: UAM-X, CSH; 1998.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Metodologias Feministas E Estudos De Gênero: Articulando Pesquisa, Clínica E Política**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. **Metodologias feministas: a reflexividade a serviço da investigação nas Ciências Sociais**. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.18, n. 3, p. 408-412, 2005.

OLIVEIRA, Elismênnia Aparecida. **Conhecimento Feminista Nas Universidades Brasileiras: Um Ponto De Vista Descolonial**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

RODRIGUES, Maria Natália Matias; MENEZES, Jaileila de Araújo. **O Desafio De Pesquisar: Reflexões Sobre Metodologias E Feminismo A Partir De Uma Experiência De Pesquisa**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

SANTOS, Estela. **Leia Mulheres: uma conversa com as mediadoras do projeto**. 2017. Disponível em: <<http://homoliteratus.com/leiamulheres-uma-conversa-com-mediadoras-do-projeto/>> Acesso em 15/09/2017.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Estudos Feministas: um esboço crítico**. In: Célia Gurgel (org.), *Teoria e Práxis dos Enfoques de Gênero*. Salvador: REDOR-NEGIF, 2004.

SARDENBERG, Cecília M. B; COSTA, Ana Alice. **Teoria E Práxis Feministas Na Academia Os Núcleos De Estudos Sobre A Mulher Nas Universidades Brasileiras**. Vol.2, N.2, Maio - Ago. 2014. Disponível em: <www.feminismos.neim.ufba.br> Acesso em 11/11/2016.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Pedagogias Feministas: uma introdução**. In: *Nós Merecemos Respeito! Diga não à violência contra a mulher. Projeto Gênero, Raça e Cidadania no combate à violência nas Escolas (caderno para professores)*. Salvador: NEIM/UFBA, 2005. p. 13-20.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência**. Trad.: FIKER, Raul. Bauru, São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.

SENADO FEDERAL, Agência Senado. **Projeto determina participação feminina na Mesa do Senado**. 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/02/20/projeto-determina-participacao-feminina-na-mesa-do-senado>> Acesso em 13/10/2017

SILVA DE SOUZA, Charlyane. **A conquista das Mulheres: Sufrágio e Educação**. 2016. Disponível em: <<http://charlyane.jusbrasil.com.br/artigos/327167775/a-conquista-das-mulheres-sufragio-e-educacao>> Acesso em 12/11/2016.

SILVA, Carmen; CAMURÇA, Silvia. **Feminismo e movimento de mulheres**. Recife: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2010. 63p. - (Série Mulheres em Movimento, nº 1).

VIANA, Rodolfo. **Contra machismo na literatura, projeto estimula leitura de autoras**. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 out. 2015. (Contém entrevista com as mediadoras do Leia Mulheres de São Paulo). Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/10/1693329-contramachismo-na-literatura-projeto-estimula-leitura-de-autoras.shtml>> Acesso em 31/10/2017

XAVIER, Clarissa Castellã. Questionário respondido por e-mail para Julia Petersen. Cachoeirinha, 9 de outubro de 2017. (Questionário completo nos apêndices)

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Crítica Feminista: Uma contribuição para a história da literatura** - IX Seminário Internacional de História da Literatura. 2011. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf>> Acesso em 15/09/2017.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil: Um Debate**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

APÊNDICE 1

Questionário exploratório enviado para as mediadoras:

Sua idade:

Sua escolaridade:

Sua profissão:

- 1) Se inspiram em algum outro movimento feminista?
- 2) Registram os encontros em vídeos ou atas?
- 3) Como enxergam a visibilidade desse projeto no RS?
- 4) Como divulgam esse projeto?
- 5) Tem parceria ou interação com alguma universidade? com a UFRGS?
- 6) Qual a importância das redes sociais para o Leia Mulheres?
- 7) As mediadoras se consideram feministas? Por quê?
- 8) Tem participação frequente de homens nos encontros?
- 9) Nos encontros vocês abrem espaço para as mulheres falarem das suas vidas? contam as suas vivências? Ou é direcionado apenas para a análise dos livros?
- 10) O encontro acontece de forma livre, ou tem um direcionamento feito pelas mediadoras? como conduzem os encontros? Qual as prioridades e objetivos?
- 11) Quem não leu o livro do mês, pode ir nas reuniões assistir e interagir?
- 12) Existe alguma coordenação ou orientação do Leia Mulheres de SP para vocês?
- 13) Existe alguma forma de renda para o Leia Mulheres? As mulheres em algum momento têm que desembolsar algum valor para o Leia Mulheres?
- 14) Você tem algum envolvimento social (além do leia mulheres, participa de algum projeto social, como ONGS e associações...):
- 15) Como enxerga a presença dos homens nos encontros? Por quê acha que homens se interessam em ir nos encontros do Leia Mulheres?
- 17) Como percebe o perfil dos participantes nos encontros referente a raça/cor/etnia?
- 18) Como percebe o perfil dos participantes nos encontros referente a classe social?
- 19) Como percebe o perfil dos participantes nos encontros referente a faixa etária?
- 20) Identifica a falta de algum perfil?
- 21) O que falta para o Leia Mulheres ter visibilidade efetiva e abranger todos os perfis?

APÊNDICE 2

Questionário enviado para as mediadoras para coleta dos dados que respondessem os objetivos:

- 1) Tu pode me relatar como é a tua experiência como mediadora do Leia?
- 2) Como tu conduz os encontros e o grupo do facebook?
- 3) Tu acha que ser mediadora do leia acrescentou crescimento pessoal pra ti?
- 4) O que tu aprendeu e aprende com o Leia?
- 5) Sente um potencial transformador no projeto?

APÊNDICE 3

Questionário enviado para as participantes:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

- 1) Como teve contato com o Leia Mulheres? Como conheceu o projeto?
- 2) O que te motivou a participar? e a continuar participando, qual a sua motivação?
- 3) Qual a importância das redes sociais para o Leia Mulheres? Você acompanha a página do facebook? Interage e/ou se informa por lá?
- 4) O Leia Mulheres acrescentou algum crescimento na sua vida pessoal? sua visão sobre a leitura, literatura e papel da mulher foi repensada?
- 5) Sente que o Leia Mulheres tem um potencial transformador? Por quê?
- 6) Qual a importância para você ter um projeto em execução como o Leia Mulheres?
- 7) Você sente liberdade de interagir e dar a sua opinião nos encontros presenciais? se puder, comente como vê a dinâmica entre mediadora/participantes que ocorre nos encontros.
- 8) Enxerga que ocorre produção de conhecimentos nos encontros? De que tipo? Na sua opinião o que o Leia Mulheres ensina?